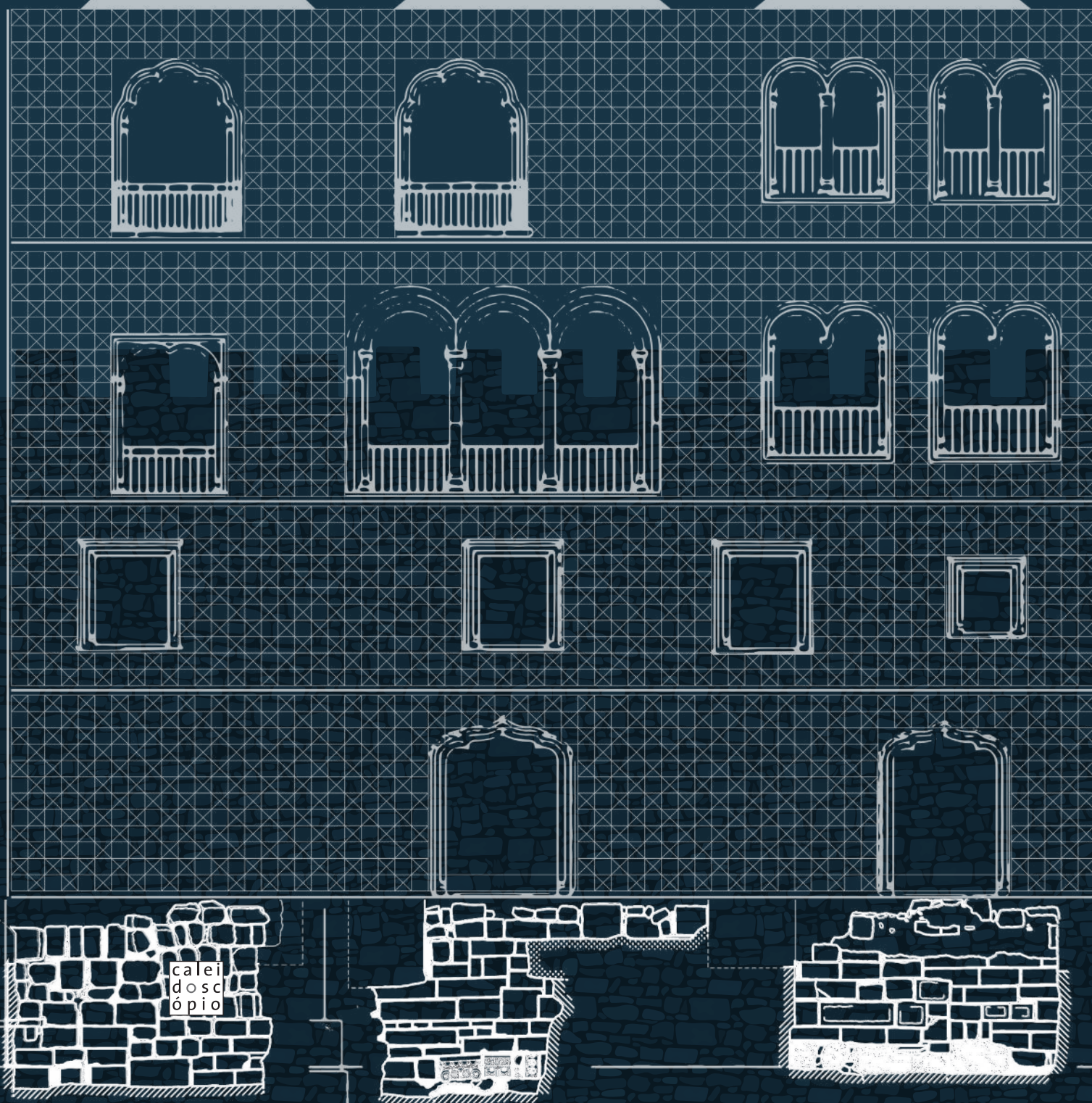


LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

A Morfologia Urbana

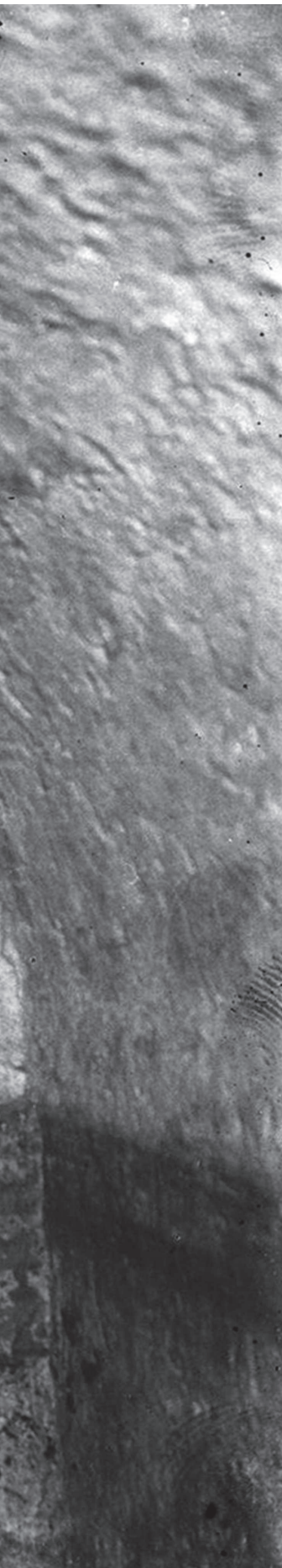
CARLOS FABIÃO
Coordenação Científica



Sumário

7	Apresentação	92	O abastecimento da água em <i>Olisipo</i>: dúvidas e certezas
8	Nota Introdutória		JESÚS ACERO PÉREZ
10	Introdução	102	A gestão dos resíduos na Lisboa Romana
	CARLOS FABIÃO		JESÚS ACERO PÉREZ
14	<i>Felicitas Iulia Olisipo</i>, mais do que uma cidade entre o Mediterrâneo e o Atlântico	116	Referências
	CARLOS FABIÃO	126	Lista de Autores
28	A estrutura urbana da cidade portuária		
	NUNO MOTA; PEDRO VASCO MARTINS		
46	As muralhas de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i>		
	VICTOR FILIPE; MANUELA LEITÃO; VASCO LEITÃO; NUNO NETO; PAULO REBELO; RICARDO RIBEIRO		
72	Criptopórtico: arqueologia e arquitetura de um equipamento portuário		
	ANA CAESSA; NUNO MOTA; PEDRO VASCO MARTINS		





Criptopórtico: arqueologia e arquitetura de um equipamento portuário

ANA CAESSA, NUNO MOTA,
PEDRO VASCO MARTINS

O monumento habitualmente designado por “Galerias da Rua da Prata” foi identificado em Lisboa na sequência do terramoto de 1755, durante os trabalhos de reconstrução do quarteirão entre a Rua da Conceição (antiga Rua dos Retrozeiros) e a Rua da Prata (antiga Rua Bela da Rainha).

As fontes fazem supor que os primeiros vestígios poderão ter sido vistos pela primeira vez em 1770. Nessa altura, porém, o que chamou a atenção foi a descoberta de uma base de estátua dedicada ao deus Esculápio, atualmente no Museu Nacional de Arqueologia (Silva, 1944, p. 103-104).

Os levantamentos, descrições sumárias e interpretações surgiram apenas em 1773 na sequência da construção do coletor da Rua da Prata ter intercetado o edifício e permitido perceber que se tratava de um monumento subterrâneo inundado, atribuído à Época Romana, constituído por uma rede de galerias abobadadas de diferentes dimensões, paralelas e perpendiculares entre si. São os casos do levantamento intitulado *Vários achados na cidade da Baixa* da autoria de J. Fortuna através de uma cópia realizada em 1859 a partir do exemplar existente à época

no Cartório da Intendência das Obras Públicas; dos dois levantamentos pertencentes ao acervo da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, com destaque para a *Planta dos subterraneos que se acharão abrindo-se o cano da Rua Argentea da cidade de Lisboa no mês de Maio de 1773* (oferecida ao Exm.º Sr. Bispo de Beja e tomada no dia 2 de Junho de 1773); de uma descrição numas manuscritas *Memórias do Reinado de El rey Dom José, 1773*; de uma passagem, na folha 3, da *Monumenta Selecta* de 1780, da autoria de Frei José de São Lourenço, ou das passagens, entre as folhas 8 e 10, na *Notícia das Thermas ou Banhos Cassianos e outros monumentos romanos modernamente descobertos na cidade de Lisboa* de Dom Thomaz Caetano de Bem.

Conhecida a existência do monumento, em 1859, a renovação do coletor da Rua da Prata e a construção do da Rua da Conceição, constituíram uma nova oportunidade para o registo, aproveitada pela entidade, então competente, a Biblioteca Nacional, mas também por outras, como a Câmara Municipal de Lisboa que obteve desenhos da autoria do geómetra Francisco de Almeida e Silva, um

FIG. 1

Visita ao interior das galerias romanas (criptopórtico) promovida pela *Ilustração Portuguesa*, em 1909 (créditos fotográficos: © CML | DMC | AML | Arquivo Fotográfico).

dos quais publicado em Martins, 1909, p. 488, ou mesmo de particulares interessados, como o engenheiro Joaquim Júlio Pereira de Carvalho, referido em Figueiredo, 1889, p. 24, n. 3.

Da documentação então produzida, destacam-se, pelo rigor e capacidade interpretativa fundamentada, os trabalhos realizados pela equipa enviada ao local pela Biblioteca Nacional: os novos levantamentos gráficos realizados por José Valentim de Freitas, *Desenhos a que se refere a memória acerca d'uns restos de Thermas Romanas existentes em Lisboa* e a *Memória acerca d'uns restos de Thermas Romanas existentes em Lisboa, acompanhada de nove desenhos coloridos tirados escurupulosamente sobre os próprios sítios com medição correspondente*, assinada por Francisco Martins de Andrade. Estes registos, para além de retificarem os desenhos e descrições do século XVIII das abóbadas internas, descrevem pela primeira vez as estruturas romanas que foi possível identificar na Rua da Conceição sobre as galerias.

A construção pombalina que foi a responsável pela descoberta do monumento oferecendo, acidentalmente, várias oportunidades para a sua identificação e registo, não evitou alguns atentados à sua integridade de que é exemplo o coletor da Rua da Prata que o dividiu em duas partes. Apesar disso, reutilizou a infraestrutura servindo-se dela como alicerce e, porque aparecia inundado com água que se julgou de nascente, como cisterna: bocas de poço foram abertas nas abóbadas das galerias e talvez reaproveitadas outras preexistentes. Surgiram assim as chamadas “Conservas de Água da Rua da Prata”.

Em 1868, uma exposição apresentada pelo médico dos serviços municipais, Augusto José Mesquita, deu conta das perigosas consequências para a saúde pública da utilização das águas das galerias da Rua da Prata, contaminadas por infiltrações de esgoto (Moita, 1977). A Câmara Municipal de Lisboa procedeu então a obras de reparação de vários troços de

infraestruturas de saneamento e ao revestimento das paredes interiores e do pavimento das galerias com reboco hidráulico, bem como das paredes interiores dos poços, na tentativa de impedir o contacto entre o interior do reservatório de água com os coletores. O acesso ao interior das galerias a meio da faixa de rodagem da Rua da Conceição, entre os carris do elétrico n.º 28, terá sido construído na sequência dessa obra com o objetivo de facilitar a entrada no interior das galerias para os subsequentes trabalhos de monitorização.

Desde essa altura e ao longo de todo o século XX, as galerias não mais caíram no esquecimento. A Câmara Municipal de Lisboa foi assumindo um papel tutelar sobre o monumento, atuando também em benefício do seu estudo, conservação e divulgação, primeiro colaborando e facilitando iniciativas não municipais, nomeadamente na organização de visitas ao interior do monumento com fins de divulgação pública promovidas por periódicos como a *Ilustração Portuguesa* (Martins, 1909), *O Século* (Sequeira 1934a, b, c, d, e), ou o *Diário de Notícias* (Salvado, 1965 e 1967) (FIG. 1).

A partir da década de 1970 foram da Câmara Municipal de Lisboa todas as iniciativas, desde a promoção de visitas de estudo (Maia, 1973, p. 7), ou para mera divulgação junto do grande público, à realização de encontros e debates científicos, como foi o caso do debate realizado no Castelo de São Jorge, a 12 de Maio de 1989, e, em 2008, no âmbito das “Sessões de Arqueologia no Museu da Cidade II”, o colóquio (Setembro) e a exposição “Galerias Romanas” (Setembro-Novembro); passando pela monitorização do seu estado de conservação (nomeadamente das fissuras longitudinais que atravessam a chamada “Galeria das Nascentes”, iniciada na década de 1980) e pela realização de vários estudos efetuados no interior das galerias na década de 1990 — estiveram envolvidos nestas iniciativas Lídia Fernandes, Manuela Leitão, João Muralha (Arqueologia),

Rodrigo Banha da Silva, Carlos Lemos (Registo Gráfico), António Carvalho (Topografia) e Gabriel Pereira (Geotecnia) -, que incluíram um novo levantamento topográfico da planta do complexo, levantamentos gráficos dos alçados interiores das galerias, duas sondagens arqueológicas, diversas sondagens parietais, duas sondagens geotécnicas com extração de carotes e mesmo a realização de outras iniciativas que não tiveram o seguimento esperado para tornar o monumento mais acessível (contando com a anterior aquisição, na década de 1980, do piso térreo do n.º 77 da Rua da Conceição, na expectativa de que por aí se pudesse criar um novo acesso ao interior das galerias).

Sendo um monumento subterrâneo permanentemente inundado que serve de alicerce a vários edifícios e vias públicas muito movimentadas, raramente oferece condições para os avanços da sua investigação. Nem tudo o que foi visto e registado no século XVIII foi novamente visitado no século XIX, quando os registos foram mais científicos e, do que foi levantado então, nem tudo ficou conservado ou acessível. Como já foi referido, a construção do sistema urbano de saneamento, nomeadamente o coletor central da Rua da Prata, inviabilizou a passagem para a parte nascente do monumento, por exemplo.

Nestas condições, até aos finais do século XX, quase tudo o que se discutiu sobre o edifício baseou-se nos levantamentos feitos nos séculos XVIII e XIX, e em alguns dados obtidos no interior das galerias visitáveis. Ainda assim, o monumento não deixou de suscitar várias interpretações.

As galerias foram, nos séculos XVIII e XIX, identificadas como parte de um edifício termal. O facto de estarem inundadas, parecendo a água brotar naturalmente do chão e de nas imediações ter sido descoberta a epígrafe com a dedicação a Esculápio, parecem não ter sido dados tão relevantes para essa interpretação, como o estabelecimento de paralelos com realidades conhecidas pelo império romano,

onde galerias semelhantes alicerçavam estruturas equivalentes às que ainda puderam ser vistas, na altura, em Lisboa. Edifício balnear, com funções terapêuticas ou não, foi a interpretação que a bibliografia produzida em grande parte do século XX seguiu (Castilho, [1884] 1935², p. 144-157; Figueiredo, 1889; Martins, 1909; Silva, 1934; Moita, 1977) e nesta fase, curiosamente, os argumentos mais usados parecem ter sido a presença de água, a suspeita de existência de uma nascente e o aparecimento da epígrafe, colocando-se quase sempre as instalações balneares no interior das galerias. A interpretação de balneário terapêutico foi posta em causa pelo resultado das análises da água que não é medicinal e se infiltra pelas fissuras do monumento proveniente do lençol freático que atravessa a Baixa lisboeta, sujeito também ao movimento das marés. Houve quem propusesse para o edifício a função de cisterna desde a sua origem (Sequeira, 1967, p. 306-308; Maciel, 1993-1994). A interpretação mais consensual desde o último quartel do século XX é a de se tratar de um criptopórtico romano, uma solução de engenharia usada para vencer declives ou construir em terrenos instáveis, criando plataformas artificiais e funcionando como alicerce para outras estruturas (Encarnação, 1973; Garcia, 1974-1975, p. 10-11; Mantas, 1976, p. 165; Moita e Leite, 1986, p. 59-60; Fabião, 1994; Ribeiro, 1994a; 1994b; 1994c, p. 83-84; Salvado, 1994, p. 505).

Assumindo-se as galerias como um edifício romano subterrâneo que serviu de alicerce, as estruturas que suportariam foram também tema de reflexão. Para além da versão de complexo termal assente, em parte ou no todo, no monumento (Andrade, 1859; Alarcão, 1988, p. 124-125; Moita, 1994, p. 50), apareceram outras hipóteses que colocam sobre o criptopórtico estruturas de armazenagem expectáveis nesta área portuária da cidade romana (Almeida, 1973, p. 80; Garcia, 1974-1975, p. 10-11), ou mesmo uma praça (ou *forum*) na

frente de rio, com vocação comercial a que estariam também associadas algumas funções religiosas relacionadas com o culto a Esculápio (Ribeiro, 1994a; 1994b; 1994c, p. 83-84).

A dinâmica de reabilitação urbana a que se tem assistido na última década na cidade de Lisboa, particularmente na Baixa Pombalina, (conjunto classificado sujeito a regulamentos que garantem a salvaguarda de património cultural, nomeadamente através da obrigatoriedade de realização de trabalhos arqueológicos prévios) e o interesse da Câmara Municipal de Lisboa na valorização do património arqueológico da cidade, geraram circunstâncias especialmente favoráveis que permitiram a implementação de um projeto municipal que culminará com a abertura ao público de um novo acesso seguro e inclusivo às Galerias da Rua da Prata e a inauguração de um centro de interpretação do monumento. Este Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx), é um Projeto de Investigação Plurianual em Arqueologia, submetido, avaliado e aprovado pela Direção-Geral de Património Cultural (com duração de quatro anos, 2016-2020), que tem vindo a proporcionar oportunidades únicas para o estudo científico do monumento, nomeadamente através de intervenções arqueológicas no interior e sobre as galerias do criptopórtico.

As novidades arqueológicas no âmbito do CRLx

O conhecimento obtido através da abordagem arqueológica tem um historial que recua ao século XIX. A primeira descoberta registada com rigor métrico aconteceu em 1859 quando foi identificada parte do ângulo Noroeste da estrutura no meio da Rua da Conceição, próxima da Rua dos Correeiros. Estava definido por dois limites perpendiculares forrados com silhares (grandes blocos quadrangulares de calcário que compõem

um *opus quadratum*) que orientavam a construção sensivelmente a 15/17° Nordeste. Na parte superior, Francisco Martins de Andrade e José Valentim de Freitas descreveram: a existência de uma zona de pátio originalmente pavimentado com lajes que já não foram vistas *in situ*, delimitado por um muro perimetral com orientação Nordeste-Sudoeste, associável a um degrau composto por um silhar; um tanque revestido a mármore com sifão e galeria de escoamento, desenvolvendo-se para o vértice Noroeste do monumento; e uma pequena canalização com cobertura em *lateres* (tijoleiras) que se sobrepunha a um maciço de alvenaria e que se desenvolvia internamente ao longo da parede maciça que marca os limites do criptopórtico (FIG. 2). Nesta ocasião foram recolhidos diversos exemplares de placas em mármore e amostras de argamassas romanas. Um dos desenhos aguarelados de Valentim de Freitas mostra ainda o registo do resto daquilo a que o autor designou como “cano” e “emboço”, no fundo de uma aparente sondagem realizada no passeio Poente da Rua da Prata (FIG. 3). Os levantamentos realizados na área interior das galerias permitiram, apesar dos impedimentos vários, obter um desenho mais rigoroso do complexo e aferir as dimensões das abóbadas em planta, observando-se então as suas diferentes dimensões (FIG. 4).

O conjunto dos vestígios analisados por Francisco Martins de Andrade permitiu-lhe, desde logo, considerar tratar-se de vestígios de termas, estabelecendo um paralelo com as Termas de Juliano, em Paris (também conhecidas como Thermes du Nord ou de Cluny), com base nas fortes semelhanças encontradas nos vestígios existentes na Baixa Pombalina (Andrade, [1859] 1963, p. 43).

A investigação documental realizada no âmbito do CRLx, realizada por Luís Ribeiro, investigador do Centro de Arqueologia de Lisboa, levou à descoberta de um conjunto de evidências arqueológicas publicadas em 1937,

no Jornal *O Século*. Trata-se de um levantamento executado pelo Grupo dos Amigos de Lisboa, realizado no decurso da escavação da cave da loja “Os Pinheiros” (atualmente no interior da fração Sul do edifício pombalino pertencente à Fundação Millennium/BCP – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros – NARC) do qual surgiu a seguinte caracterização: «o jogo de paredes postos agora a descoberto e que devem remontar a anos muito recuados, tão fortes e espessos que os construtores pombalinos os aproveitaram para fundamentos. E é estranho porque no local anteriormente ao cismo

de 1755 não consta terem existido senão edificações vulgares e pequenas, a maioria de tabique e de débil construção.» (S/ autor, 1937, p. 9). Importa salientar que estas estruturas, embora mais próximas do conjunto atribuído ao NARC, quando observadas em planta estão nitidamente orientadas com o criptopórtico e numa área associável aos pavimentos exteriores ao monumento que viriam a ser detetados na intervenção arqueológica de 2015 – 2019/20, no interior do edifício 71-77 da Rua da Conceição.

Uma intervenção arqueológica de natureza multidisciplinar, realizada por uma equipa do

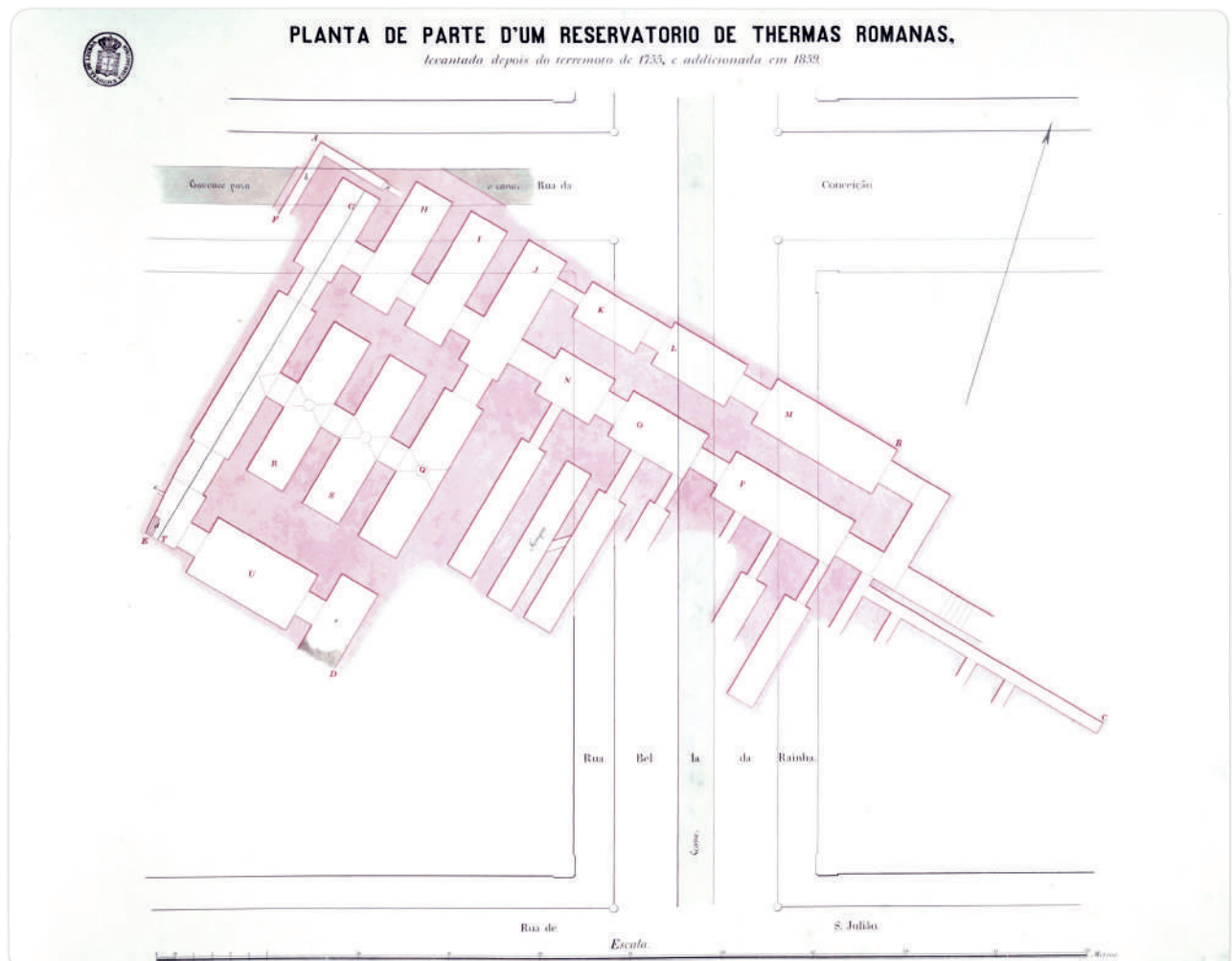


FIG. 2

Levantamento gráfico realizado em 1859 por José Valentim de Freitas: “Desenho de parte do pavimento superior das thermas romanas”; “Cortes Longitudinaes da Galeria G, do Desenho 1” (BNL, Iconografia, D.A.8.A) que acompanhavam a “Memória à cerca d’uns restos de thermas romanas existentes em Lisboa” da autoria de Francisco Martins de Andrade (BNL, Reservados, Cod. 7619).

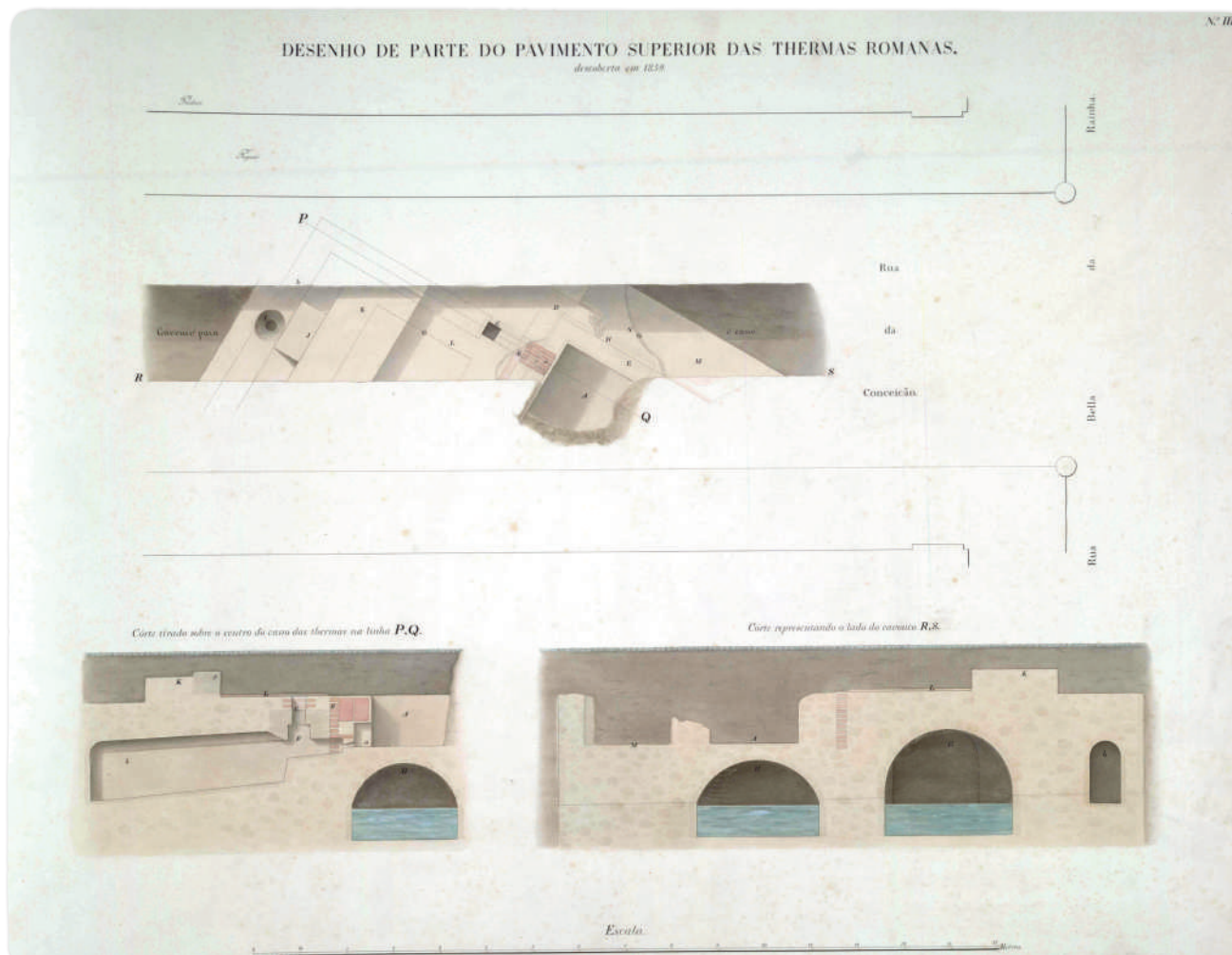


FIG. 3

Levantamento gráfico realizado em 1859 por José Valentim de Freitas: “Cortes Longitudinaes da Galeria G, do Desenho 1” (BNL, Iconografia, D.A.8.A) que acompanhavam a “Memória à cerca d’uns restos de thermas romanas existentes em Lisboa” da autoria de Francisco Martins de Andrade (BNL, Reservados, Cod. 7619).

Museu da Cidade, entre 1995 e 1996, permitiu verificar, através da execução de duas sondagens geotécnicas com extração de carote, a espessura média de 1,25 m da placa em *opus cæmenticiūm* (alvenaria de pedra e argamassa bastante robusta e compacta também conhecida como betão romano) que foi construída sobre as areias da praia anteriormente existente e serviu de base para a obra de construção do edifício romano, na qual assentaram as abóbadas que compõem o complexo abobadado.

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos recentemente no âmbito do CRLx na área ocupada pela infraestrutura permitiram descobrir outros tantos elementos inéditos do maior

interesse para o conjunto de evidências estruturais e contextuais já conhecidas.

A intervenção arqueológica realizada, em 2015 e 2019/20, no edifício da Rua da Conceição, 71-77, parcialmente sobreposto às galerias e numa área muito próxima à intervenção no monumento em 1859, trouxe novidades para a caracterização do piso superior do criptopórtico — neste texto não serão focados os vestígios de uma pequena mesquita instalada sobre o criptopórtico em Época Medieval Islâmica, entretanto publicados (Caessa, Nozes e Mota, 2018).

As diversas sondagens realizadas proporcionaram a identificação de áreas pavimentadas ainda com vestígios de finas placas de mármore e de calcário lioz rosa *in situ*, de um

segundo tanque revestido a *opus signinum* (argamassa hidráulica romana com uma forte componente de cerâmica moída) em posição simétrica ao anteriormente identificado, vestígios de arranque de coluna e um troço da *cloaca* (esgoto já identificado no século XIX, na Rua da Conceição, que escoava as águas dos tanques). Um dos aspetos a destacar nestes vestígios, claramente associáveis ao *frigidarium* (parte das termas dedicadas aos banhos frios), é a continuidade dos pavimentos e de algumas estruturas para uma área extravassante ao limite Noroeste do criptopórtico, indiciando a existência de outras componentes habituais exteriores do edifício termal (FIG. 5).

Em 2017/18, teve lugar a intervenção arqueológica na cave do edifício da Rua da Prata, 45-51/Rua de São Julião, 86-106, futuro acesso às “galerias romanas”. Constituiu um dos trabalhos essenciais no âmbito do CRLx a desobstrução da denominada “Galeria das Nascentes”, que se encontrava cortada, preenchida e integrada na parede Norte da cave do edifício moderno. Esta tarefa, devidamente acompanhada por uma equipa de engenharia da CML e DGPC, possibilitou a criação de um novo acesso de visita seguro e inclusivo que ficará sob gestão do Museu de Lisboa/EGEAC. A intervenção arqueológica propriamente dita, foi a que mais vestígios e informações

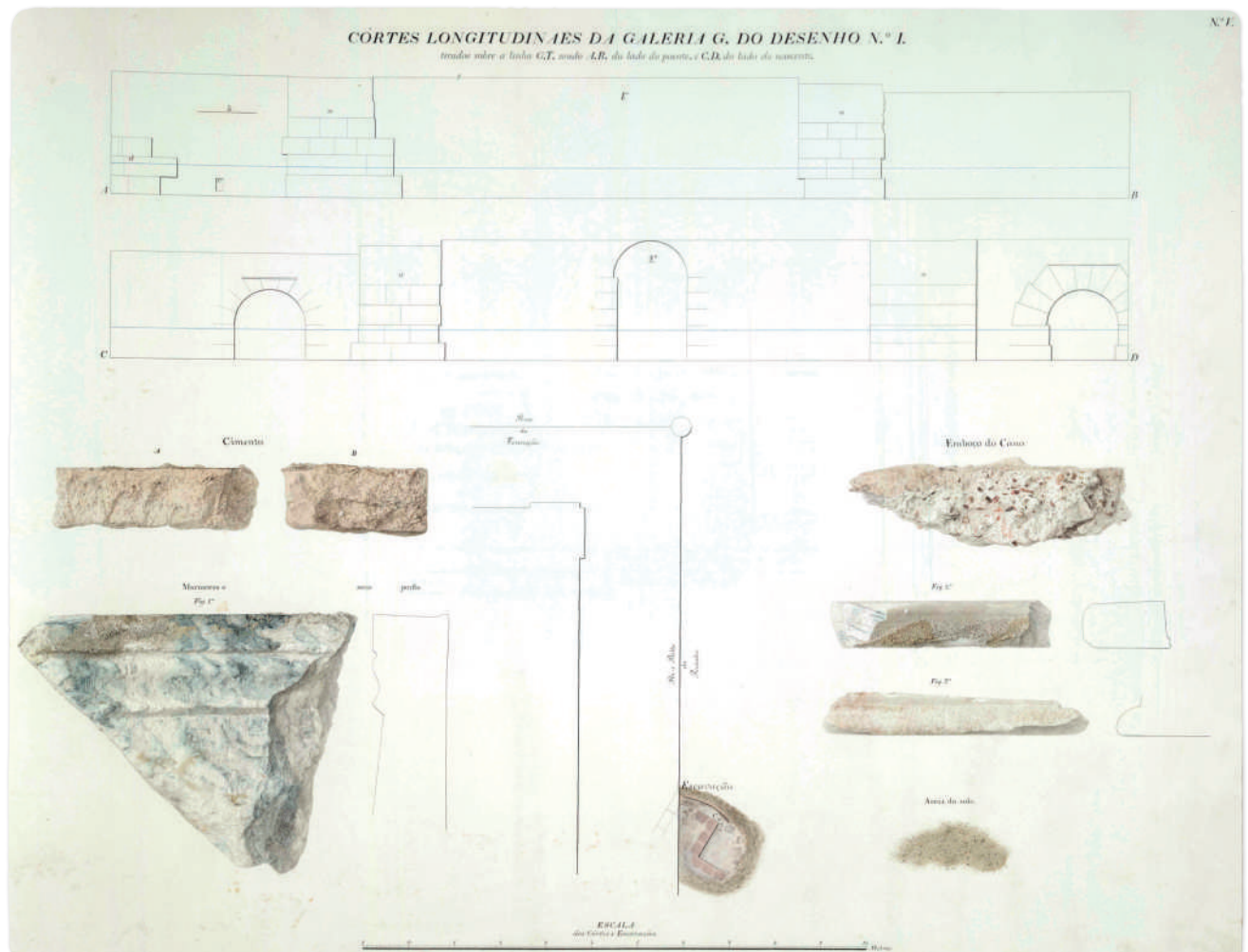


FIG. 4
Levantamento gráfico realizado em 1859 por José Valentim de Freitas: “Planta de parte d’ um reservatório de Thermas Romanas” (BNL, Iconografia, D.A.8.A) que acompanhavam a “Memória à cerca d’uns restos de thermas romanas existentes em Lisboa” da autoria de Francisco Martins de Andrade (BNL, Reservados, Cod. 7619).



FIG. 5

Vestígios de pavimentos em mármore no topo do criptopórtico, na zona correspondente ao *frigidarium*, no interior do edifício da Rua da Conceição, 71-77 (créditos fotográficos: © CML | DMC | DPC | CAL | Nuno Mota 2016).

forneceu para a compreensão geral do criptopórtico até ao momento, proporcionando um entendimento mais apurado das técnicas e materiais usados, devido ao seccionamento das realidades estruturais e à consequente perceção obtida sobre as contingências e soluções encontradas para resolver questões específicas da construção, algumas das quais foram já objeto de análise mais aprofundada (Mota e Martins, 2018).

Numa das sondagens parietais foram encontrados os vestígios do segundo tanque, também identificado em planta na escavação referida anteriormente, e respetivo dreno, um sistema de escoamento semelhante ao que foi registado em 1859. Situado no quadrante

Sudoeste do complexo, numa posição simétrica à do anterior, este tanque revestido a *opus signinum* apresentava ainda e também os vestígios de um revestimento final com placas de mármore branco (FIG. 6).

Uma das mais importantes descobertas foi o limite ribeirinho do criptopórtico, um imponente paredão instalado na margem do rio há dois mil anos atrás, o qual permitiu agora reconhecer a largura de sensivelmente 29 m para o complexo abobadado. O limite Sudoeste que se estendia ao longo de 17,80 m conservados, consubstanciava-se numa muralha em parte construída com silhares de calcário (*opus quadratum*) e em *opus cæmenticium*. Apresentava 3 m de espessura,

na zona defronte da “Galeria das Nascentes” (assim conhecida por ser o local onde através de uma fissura brota a água que inunda o espaço), e 2,30 m, no seu restante desenvolvimento. Deste extenso limite, que assentava na placa cimentícia de base que ocupa toda a área do complexo abobadado, restou apenas uma fiada de silhares e o vestígio de uma segunda que teria silhares almofadados (silhares com a face de paramento saída e moldurada, usados como efeito estético) virados para o exterior, para o rio. A robusta estrutura, parcialmente desmantelada entre os séculos IV/V d.C., era provida de entalhes (*securiclæ*) em dupla cauda de andorinha que

tinham como função reforçar a pega na junta das fiadas. Habitualmente preenchidos com peças de metal, aqui foram utilizadas peças de madeira (pinho), um material arcaico em relação ao mais habitualmente utilizado de perfil metálico (Adam, 1996, p. 57) (FIG. 7).

As galerias internas do criptopórtico, espaço multifuncional apto como *horreum* (armazém) para o acondicionamento de produtos de elevado consumo nas termas (sobretudo lenha e azeite), mas também espaço deambulatório e de serviço, dispunham originalmente de um acesso na frente de rio, uma entrada de menores dimensões, no enfiamento da “Galeria das Nascentes”. As evidências desta abertura



FIG. 6

Vestígio do segundo tanque do *frigidarium*, com a respetiva drenagem, parcialmente destruído e integrado na parede Norte da cave do edifício da Rua da Prata, 45-51

(créditos fotográficos: © CML | DMC | DPC | CAL | Nuno Mota 2017).

foram encontradas nos vestígios das argamasas presentes no sobreleito da fiada de silhares remanescente, no nítido desgaste da zona de vão interno deste acesso. Alinhada com a entrada da frente de rio, através de um canal criado pela remoção de uma fiada de silhares *a posteriori*, foi encontrada uma *cloaca* adaptada à muralha que delimitava o criptopórtico. Esta estrutura abobadada apresentava um comprimento de 6 m conservados e estava semienterrada na areia da praia antiga e num depósito homogêneo de saibros compactados. A sua função não estaria certamente relacionada com um mero despejo de esgoto urbano, enquanto infraestrutura de saneamento que habitualmente se encontra sob as ruas da cidade para condução de *aqua caduca*, mas antes como uma engenhosa solução derivada de um problema específico: a entrada de água para o interior das galerias ainda em Época Romana. Tornava-se claro que a instalação da infraestrutura no interface costeiro, manifestamente a favor da acrescida função portuária do complexo, poderia ter estado na origem dos problemas de execução da obra (FIG. 8).

Os contextos arqueológicos permitiram confirmar que esta estrutura hidráulica posteriormente acoplada estaria relacionada com a abertura da fissura longitudinal na “Galeria da Nascentes” (e outras menos visíveis ainda hoje observáveis), e a consequente entrada de água logo a partir da fase de construção. Esta situação implicaria certamente a instalação de tabuado sobre o novo canal, para que a circulação se fizesse a seco, sendo a água entretanto existente no interior do criptopórtico drenada através da *cloaca*, com o auxílio da maré. Esta contingência poderá ter ocorrido devido a sobrecarga provocada pelo edificado superior, pelo reassentamento da infraestrutura nas areias da praia fluvial ou até mesmo por algum episódio de natureza catastrófica, como são os terremotos e/ou maremotos. Estes últimos fenómenos ocorreram ao longo de toda a história na região de Lisboa,

mas apenas foram documentados na cidade a partir da Época Medieval.

As inúmeras contingências de obra ocorridas durante a construção do criptopórtico estavam também patentes noutros locais anteriormente desconhecidos do complexo abobadado, uma vez que no decurso dos trabalhos arqueológicos foram detetadas galerias inacabadas, em fase de construção, e aterradas com saibro ou mesmo preenchidas com *opus cæmenticium*.

A intervenção arqueológica na Rua de São Julião n.º 80, veio confirmar a hipótese oitocentista de se tratar de um edifício termal. Neste local foram identificados os vestígios do hipocausto, a infraestrutura que eleva o solo, permitindo a circulação do calor produzido por fornalhas instaladas na periferia do edifício, gerando a indispensável calefação de algumas zonas das termas, o *tepidarium*, o *caldarium* e, eventualmente, outras áreas quentes como, por exemplo, o *sudatorium*.

Sobre um ponto específico da área de topo correspondente às galerias mais baixas que ocupam a maior parte do complexo abobadado, registaram-se três pilares (*pilæ*), compostos por *lateres*, de sustentação do fundo (*suspensura*) de um tanque integrável numa das componentes quentes das termas, tendo sido ainda possível registar os vestígios de cinzas procedentes das últimas queimas deste sistema de aquecimento. A verificação desta disposição sobre as galerias e perfeitamente alinhada no eixo longitudinal da planta geral do criptopórtico foi corroborada pela inspeção parcial ao interior de uma destas galerias, apenas possível depois da escavação de um poço pombalino que no mesmo local se sobrepôs e destruiu parte dos vestígios romanos para aceder ao provável antigo manancial confinado na galeria. Nesta intervenção foram recolhidos fragmentos de *opus signinum* (*suspensura*) com negativos de placas de mármore e outros materiais construtivos em tudo idênticos aos recolhidos nas



FIG. 7

Aspeto da muralha/paredão que marca o limite do criptopórtico na margem do rio
(créditos fotográficos: © CML | DMC | DPC | CAL | Nuno Mota 2017).



FIG. 8

Escavação arqueológica no interior da cloaca adaptada ao paramento exterior do limite do criptopórtico (créditos fotográficos: © José Pedro Henriques).

anteriores escavações arqueológicas sobre o monumento. Pese embora a não exclusividade da utilização de hipocaustos em edifícios de natureza balnear, o criptopórtico das termas portuárias de *Felicitas Iulia Olisipo* detinha agora um cúmulo acrescido de evidência para o seu significado e função (FIG. 9).

Nas escavações do criptopórtico foram recolhidos elementos construtivos e arquitetónicos que concorrem a favor de um equipamento público e sumptuoso, nomeadamente o fragmento de um fuste de coluna lisa em calcário lioz, cornijas, frisos, revestimentos marmóreos diversos, estuques pintados, fragmentos de travessas de janela de madeira e vidraça e vários fragmentos de base e capitel coríntio, datáveis de meados do século I, a data da construção do edifício termal. Embora o espólio cerâmico presente nos contextos do criptopórtico se tenha revelado escasso, atestando-se a presença de cerâmica comum, fina e de contentores anfóricos, exumou-se sobretudo uma elevada percentagem de material de construção, nomeadamente fragmentos de *later* (tijoleira), *imbrex* e *tegula* (telha). De particular importância foi a identificação de *lateres* que se sabe serem habitualmente usados na construção de paredes e abóbadas de equipamentos balneares, existindo variantes de modelos e de combinações já tipificadas em estudos dedicados (Lancaster, 2008, p. 275) que permitem vislumbrar diversos tipos de abóbadas ou mesmo fases de remodelação durante o período de utilização do edifício. Este tipo de elemento construtivo, referenciado em 1859 como “tijolos recortados”, foi mais recentemente assinalado como lembrando materiais tradicionalmente usados nas abóbadas deste tipo de equipamentos (Fabião, 1994, p. 69).

De uma forma geral, os contextos de abandono, enquadráveis nos séculos IV/V d.C., estão relacionados com o desmantelamento da muralha limite do criptopórtico na Antiguidade Tardia, eventualmente para

o saque de silhares para outra construção, como a muralha tardia. Neste âmbito, surge a questão do reaproveitamento de pedra nas duas gerações de muralhas romanas tardias possivelmente identificadas em Lisboa (Carvalhinhos, Mota e Miranda, 2017, p. 312; v. igualmente o texto dedicado às muralhas neste volume). Esta cronologia encontra paralelo imediato nas datas de abandono das unidades de preparados piscícolas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros ocorrido no mesmo período (Bugalhão, 2001, p. 145), embora no local se tenha identificado a continuação de uma ocupação indiferenciada num período compreendido entre os finais do século V e meados do século VI (Grilo, Fabião e Bugalhão, 2013, p. 851) (FIG. 10).

A leitura arquitetónica: o criptopórtico das termas portuárias

Do ponto de vista arquitetónico, o criptopórtico teria na sua essência um carácter meramente estrutural, tendo sido construído com o objetivo de servir de fundação ou de suporte a um outro edifício sobre ele implantado. Este carácter estrutural é aliás bem ilustrado por várias características do complexo, tais como a austeridade da construção, marcada pelos aparentes erros ou alterações ao projeto, a falta de vãos de comunicação com o exterior ou a exiguidade do pé direito no seu interior (Mota e Martins, 2018, p. 94).

A função e forma do edifício construído sobre o criptopórtico permanecem como algumas das principais incógnitas no estudo do monumento, tendo sido avançadas ao longo dos tempos várias hipóteses. Interessa salientar que a interpretação e estudo do edifício superior não podem, contudo, ser dissociados do criptopórtico, seu embasamento, e, por conseguinte, uma parte constituinte do mesmo. Estas duas realidades fazem parte de um mesmo todo, de um mesmo projeto,



FIG. 9

Vestígios das *pilæ* e *suspensura* descobertos no interior do edifício 80 da Rua de São Julião, pertencentes à parte quente das termas (créditos fotográficos: © CML | DMC | DPC | CAL | Nuno Mota 2018).

sendo a forma do criptopórtico certamente um reflexo da composição arquitetónica do edifício que suportava. Deste modo, o estudo arquitetónico tem de partir, por um lado, da análise dos vestígios conhecidos, e, por outro, da sua comparação com edifícios semelhantes.

O criptopórtico tem uma dimensão aproximada de 29 m por 53 m com uma configuração estruturada a partir de um eixo de composição central que percorre a estrutura no sentido longitudinal Noroeste-Sudeste. Ao longo deste eixo a estrutura divide-se transversalmente em duas plataformas com distintas alturas. A plataforma superior Ocidental (A), com aproximadamente 29 m por 15 m à cota 4,70 m, e a plataforma inferior Oriental (B), com 29 m por 38 m à cota 3,10 m.

A plataforma Ocidental é composta a partir de um espaço central definido por quatro galerias transversais, ladeado a Norte e Sul por duas zonas correspondentes às duas galerias de menores dimensões, sobre as quais se encontram os dois grandes tanques de água forrados a *opus signinum* e mármore branco. A área da plataforma Oriental visitável é marcada no seu corpo central por um conjunto de galerias de pequena dimensão dispostas no sentido transversal, sendo aceitável extrapolar a partir das galerias conhecidas, assim como a partir dos levantamentos antigos, que todo o corpo central da plataforma Oriental seria composto por galerias semelhantes. O limite Oriental desta plataforma não é conhecido, não sendo ainda possível definir com exatidão o aspeto

do seu remate. Na área Noroeste exterior ao limite do criptopórtico, um conjunto de vestígios identificados e publicados em 1937, como sendo estruturas manifestamente romanas segue os mesmos alinhamentos do criptopórtico, sendo provável que estes vestígios façam parte de uma área exterior, constituindo ainda parte do edifício (C) (FIG. 11).

De uma forma geral, esta composição espacial, definida por uma plataforma com dois tanques de água simétricos, que se desenvolve numa outra plataforma de maior escala a uma cota inferior, terá estado na origem das hipóteses que consideraram a estrutura como sendo o embasamento de uma praça comercial ou mesmo fórum municipal. Esta hipótese

considera a plataforma Oeste como sendo parte da área elevada destinada a um templo com dois tanques laterais, e a plataforma Este como sendo uma grande praça forense rodeada por pórticos. Contudo, os elementos recuperados nas recentes escavações enfraqueceram esta hipótese, sobretudo pelo facto de no local onde se esperaria encontrar o *podium* (base elevada) do templo ter sido identificado um pavimento de mármore, assim como pela descoberta do limite Sul do monumento, revelando a exiguidade da área disponível para a instalação de um equipamento que habitualmente se caracteriza pelas suas amplas dimensões. Por comparação, o fórum de Conímbriga (de dimensões particularmente reduzidas)



FIG. 10

Momento da descoberta de um fragmento de capitel coríntio, datável de meados do século I d.C., recuperado na escavação da Rua da Prata, 45-51 (créditos fotográficos: © CML | DMC | DPC | CAL | Nuno Mota 2017).

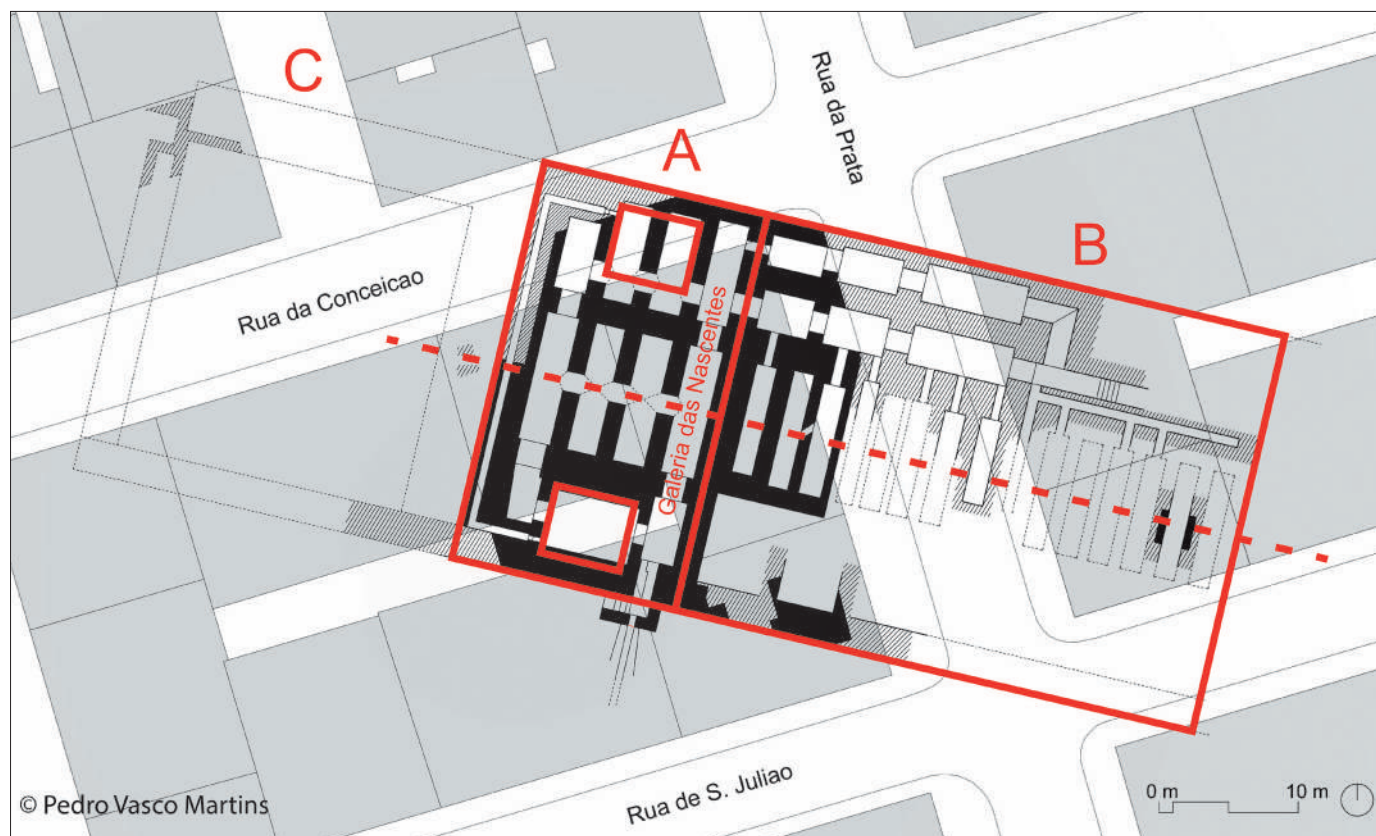


FIG. 11

Planta geral do criptopórtico a partir das atuais evidências arqueológicas sobre o urbanismo da atual Baixa Pombalina (© FormaUrbis LAB | CIAUD | FAUL | Pedro Vasco Martins 2019).

Levantamento gráfico realizado em 1859 por José Valentim de Freitas: “Planta de parte d’ um reservatório de Thermas Romanas” (BNL, Iconografia, D.A.8.A) que acompanhavam a “Memória à cerca d’uns restos de thermas romanas existentes em Lisboa” da autoria de Francisco Martins de Andrade (BNL, Reservados, Cod. 7619).

tem aproximadamente 46 m x 96 m, enquanto por contraste o criptopórtico encontra-se próximo dos 29 x 53 m. Pese embora o facto de os criptopórticos alicerçarem apenas parte das praças devido a uma necessidade topográfica específica, no caso lisiponense os vestígios estruturais já conhecidos para Este e Norte invalidam o seu desenvolvimento superior para além da infraestrutura. No entanto, não obstante a aparente exiguidade do espaço, o investimento necessário para a construção de um complexo como o criptopórtico, bem como, de entre os diversos indícios de sumptuosidade já referidos, a qualidade dos pavimentos marmóreos e dos fragmentos de decoração recuperados, entre os quais parte de um fuste pertencendo a uma coluna de aproximadamente 5,5 m de altura, aponta

claramente para um contexto monumental de um edifício de carácter público ou corporativo. Deste modo, colocada de parte a hipótese do fórum, foram consideradas outras tipologias de edifícios públicos destacando-se as dos edifícios balneares ou termais.

A hipótese de estarmos perante um edifício termal permite enquadrar não só os elementos mais emblemáticos, mas também responder a questões estruturais, tais como a reduzida dimensão da área do monumento e a grande quantidade de *lateres* recortados tipicamente associados à construção de abóbadas termais.

Por outro lado, a comparação com os edifícios termais permite também compreender um dos aspetos mais intrigantes do criptopórtico: a diferença de cotas entre a plataforma

Oeste e Este. Esta diferença de cotas é também tradicionalmente encontrada nos edifícios termais, não se traduzindo, contudo, numa verdadeira diferença entre cotas de pavimentos, mas antes na existência de pavimentos elevados aquecidos (hipocaustos), sendo a circulação realizada sempre no mesmo nível. Teríamos assim sobre as abóbadas mais altas da plataforma Oeste o espaço de *frigidarium* e, sobre as abóbadas mais baixas da plataforma Este, o hipocausto com os espaços aquecidos do *tepidarium* e *caldarium*, ou de outros espaços aquecidos que também integram o circuito dos banhos (FIG. 12).

O conhecimento do edifício termal é ainda muito limitado aos escassos vestígios conhecidos em zonas pontuais do *frigidarium* e áreas aquecidas. Contudo, analisando o desenho do criptopórtico é possível reconhecer que o edifício teria provavelmente composição linear entre os espaços frios e os espaços aquecidos, correspondendo à tipologia espacial mais simples de termas romanas (FIG. 13).

Embora seja relativamente invulgar a construção de edifícios termais sobre uma complexa estrutura de abóbadas com distintas alturas no contexto peninsular, foi possível

encontrar vários exemplos semelhantes um pouco por todo o mundo romano, destacando-se, na parte Ocidental do Império, pela sua semelhança em termos de escala e cronologia Alto-Imperial, com datas de construção entre os meados do século I d.C. e os meados do século II d.C., os casos aquitanos de Poitiers (Croix, 1878) - FIG. 14 -, Chassenon (Hourcade *et al.*, 2007) e Limoges (Bouet, 2000), sem esquecer o paralelo lugdunense estabelecido em 1859, as termas de Cluny, sobrelevadas pelas suas galerias abobadadas no declive de base da colina de Sainte-Geneviève (Bouet e Saragoza, 2007, p. 4). Estes exemplos aplicados a edifícios termais ilustram o tipo de construção em áreas com declives significativos ou em terrenos instáveis, permitindo a criação de robustas plataformas artificiais de um modo mais eficiente. Os edifícios termais surgem aliás frequentemente associados aos contextos portuários, destacando-se os exemplos das termas portuárias de Barcelona (Miró, 2014), Tarragona (Macias Solé, 2004), Cartagena (Balanza, Page e Celdrán, 2015) e *Baelo Claudia* (Bernal *et al.*, 2013) (FIG. 14 & 15).

Em Lisboa a necessidade de recorrer a esta técnica construtiva resultou da integração

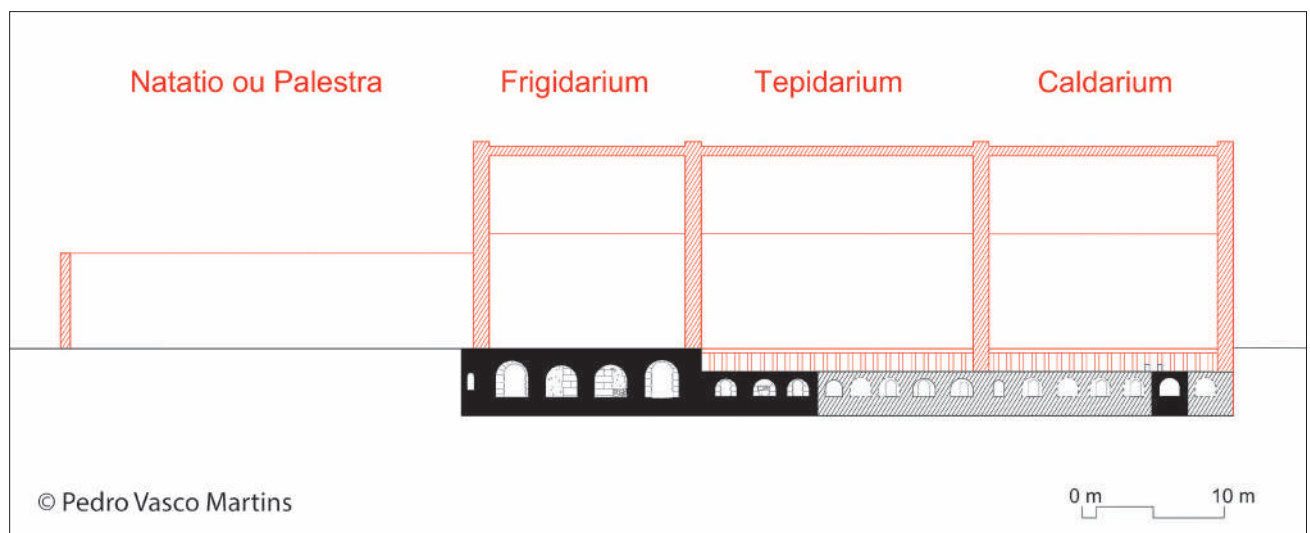


FIG. 12

Corte longitudinal presumível do criptopórtico com a integração do hipocausto nas galerias mais baixas (© FormaUrbis LAB | CIAUD | FAUL | Pedro Vasco Martins 2019).

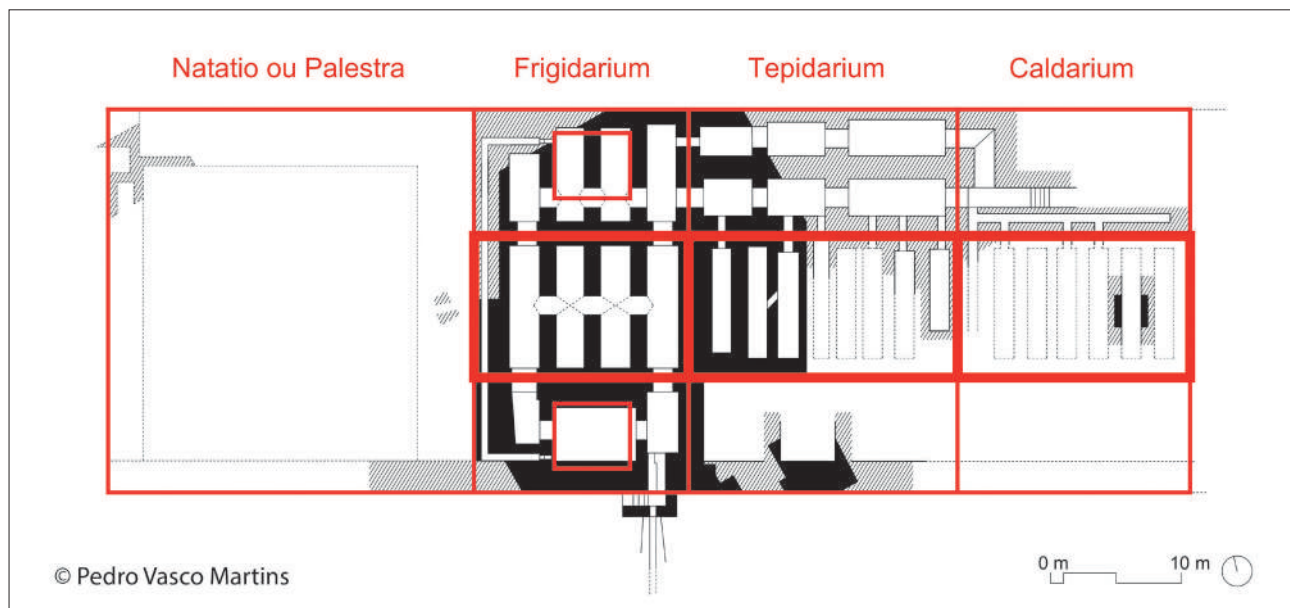


FIG. 13
Planta presumível do criptopórtico com a composição linear dos espaços termais
(© FormaUrbis LAB | CIAUD | FAUL | Pedro Vasco Martins 2019).

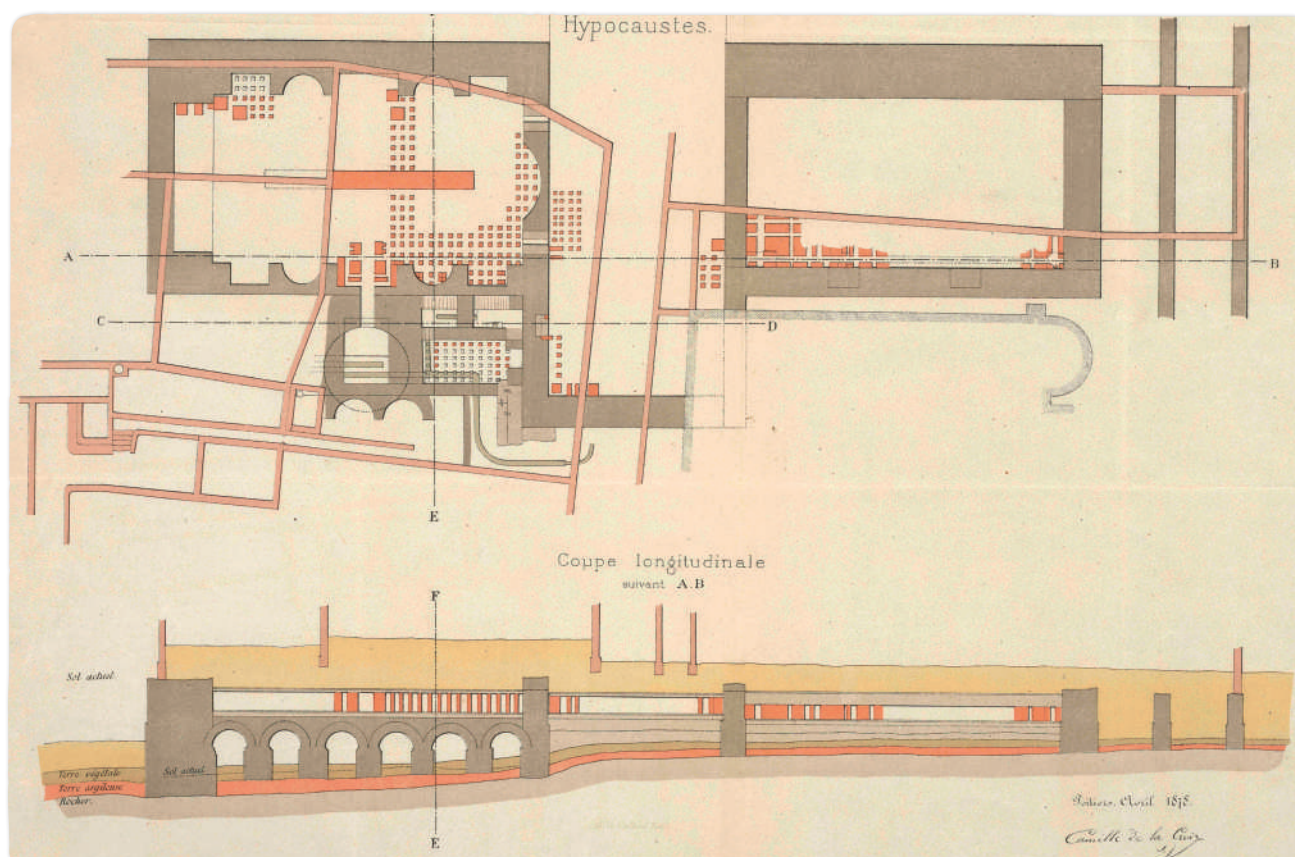
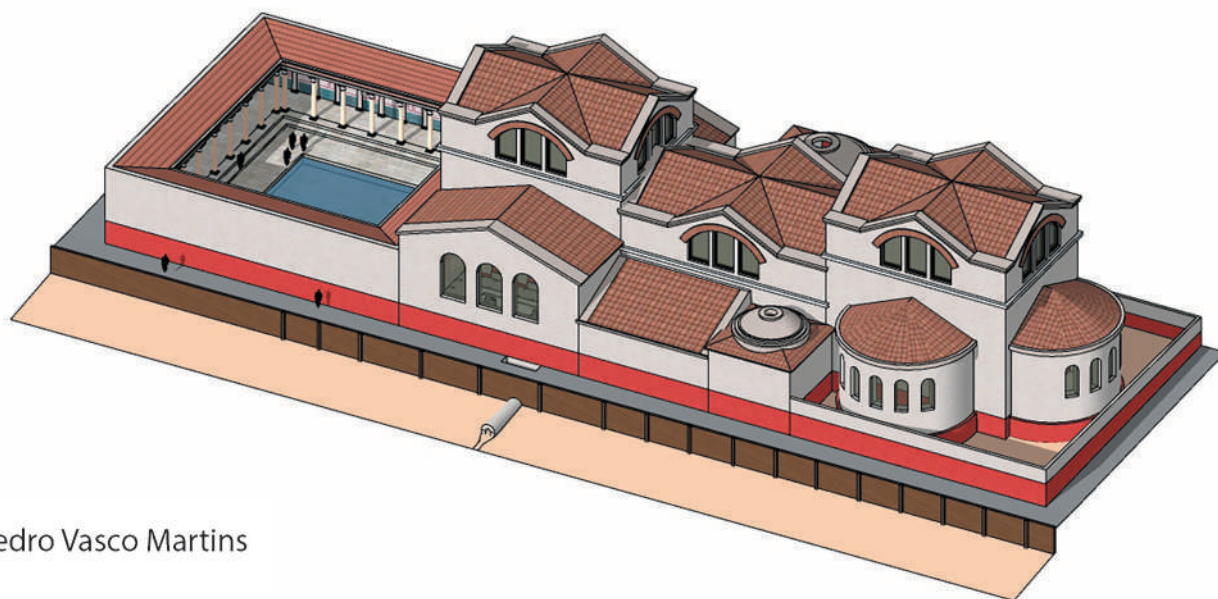


FIG. 14
Planta e corte longitudinal dos hipocaustos das termas romanas de Poitiers.
Levantamento de Camille de la Croix, 1878 (Fonds du Père de la Croix/Université de Poitiers).



© Pedro Vasco Martins

FIG. 15

Modelação arquitetónica das termas portuárias com base na evidência arqueológica disponível (© FormaUrbis LAB | CIAUD | FAUL | Pedro Vasco Martins 2019).

do edifício no porto da cidade, em terrenos parcialmente conquistados ao rio e, por conseguinte, com pouca capacidade de suportar estruturas edificadas de grande dimensão, sendo claro que o criptopórtico teria sido construído sobre uma zona de antiga praia com o objetivo de servir de fundação às termas portuárias da cidade de *Felicitas Iulia Olisipo*.

Dada a dificuldade acrescida na construção do edifício, as razões que terão motivado a escolha da frente ribeirinha estariam provavelmente relacionadas com a localização em pleno porto, no qual este tipo de edifícios funcionaria, para além da sua função primária, como espaço público privilegiado de encontro entre os variados intervenientes na dinâmica económica e comercial da cidade, configurando inevitavelmente um equipamento portuário.

Considerações finais

Desde a descoberta do monumento no século XVIII muito se especulou sobre a sua cronologia e função. Os trabalhos arqueológicos

no terreno, nomeadamente os que partiram do projeto de investigação que lhe é dedicado (CRLx), com financiamento próprio e reunindo vontades públicas e privadas, parcerias técnicas e científicas, em torno do efetivo conhecimento histórico e da divulgação didática ao grande público, permitiu alcançar nos últimos cinco anos mais do que alguma vez se pensou poder pôr em prática.

As três intervenções arqueológicas desenvolvidas deveriam ser apenas o começo de um historial de futuros trabalhos de investigação no terreno, perspetivando-se sempre o acumular de informação útil para o melhor conhecimento arqueológico, arquitetónico e urbanístico deste monumento e espaço da antiga cidade romana.

Este ciclo de investigação, promovido pelo município, encerra-se com a certeza de que a prática arqueológica desenvolvida foi o veículo para uma interpretação plausível assente num cúmulo de evidência arqueológica, a qual esperamos encontre lugar no novo espaço de interpretação, acolhimento e acesso ao interior do criptopórtico das termas portuárias de *Felicitas Iulia Olisipo*.

Referências

Fontes Manuscritas

____ 1773 — *Memórias do Reinado de El rey Dom José*. MC/RES. 0144. Museu de Lisboa.

____ 1773 — *Planta dos subterraneos que se acharão abrindo-se o cano da Rua Argentea da cidade de Lisboa no mês de Maio de 1773 oferecida ao Exmº Sr. Bispo de Beja e tomada no dia 2 de Junho de 1773*. Plantas Arquitetónicas, Assuntos Portugueses, Pasta I, Plantas 1 a 4. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora.

Andrade, F. M. de (1859) — *Memória acerca d'uns restos de Thermas Romanas existentes em Lisboa, acompanhada de nove desenhos coloridos tirados escrupulosamente sobre os próprios sítios, com a medição correspondente*. Coleção de Reservados, COD. 7619. Biblioteca Nacional de Lisboa.

Bem, D. T. C. (1790) — *Thermas ou Banhos Cassianos e outros monumentos romanos modernamente descobertos na cidade de Lisboa*. Coleção de Reservados, COD. 104. Biblioteca Nacional de Lisboa.

Freitas, J. V. de (1859) — *Desenhos a que se refere a memória acerca d'uns restos de Thermas Romanas existentes em Lisboa e a Memória acerca d'uns restos de Thermas Romanas existentes em Lisboa, acompanhada de nove desenhos coloridos tirados escrupulosamente sobre os próprios sítios com medição correspondente*. Coleção de Iconografia, DES. A 8, cota antiga: Ms. II, n.º 162 a, I a VI. Biblioteca Nacional de Lisboa.

São Lourenço, F. J. de (1780) — *Monumenta Selecta*. Coleção de Reservados, COD. Alcobaça, n.º 395. Biblioteca Nacional de Lisboa.

Fontes Impressas

Azevedo, L. M. de (1652) — *Primeira parte da fundação, antiguidades e grandezas da mui insigne cidade de Lisboa, e seus varoens illustres em sanctidade, armas, & letras: catalogo de seus prelados, e mais cousas ecclesiasticas, & politicas ate o anno 1147, em que foi ganhada aos Mouros por El Rey D. Afonso Henriquez*. Lisboa: Officina Craesbeckiana.

Estrabão (2016) — *Estrabão: Geografia. Livro III*. Introdução, tradução do grego e notas de Jorge Deserto e Susana da Hora Marques Pereira. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Holanda, F. de (1571 [1984]) — *De fábrica que falece à cidade de Lisboa*. Introdução, notas e comentários de José da Felicidade Alves. Lisboa: Livros Horizonte.

Lívio, T. (1993) — *Tito Lívio: História de Roma Ab Vrbe Condita – Livro 1*. Introdução, tradução e notas de Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Inquérito.

Plínio-o-Velho (1995) — In Guerra, A. — *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Colibri.

Res Gestæ Divi Augusti (2007) — In Eck, W. — *The Age of Augustus*. Tradução de Sarolta A. Takács. Londres: Blackwell Publishing.

Suetónio (1979) — *Suetónio: Os Doze Césares*. Tradução e notas de João Gaspar Simões, 3.ª ed.. Lisboa: Presença.

Vitrúvio (2000) — *Marco Lucio Vitruvio Polión: Los diez libros de Arquitectura*. Tradução de José Luis Oliver Domingo. 2.ª Edição. Madrid: Alianza Editorial.

Estudos

Acero, J. (2018) — *La gestión de los residuos en Augusta Emerita: Siglos I a.C-VII d.C.*. (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LXXXII). Madrid: CSIC.

Adam, J.-P. (1996) — *La construcción Romana: materiales y técnicas*. Leon: Editorial de los Oficios.

Alarcão, J. (1988a) — *Roman Portugal*. II. Wiltshire/Westminster: Aries & Phillips.

Alarcão, J. de (1988b) — *O domínio romano em Portugal*. Mem-Martins: Publicações Europa-América, Lda.

Alarcão, J. de (1994) — *Lisboa Romana e Visigótica*. In *Catálogo da Exposição Lisboa Subterrânea. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94*. Lisboa/Milão: Electa/Museu Nacional de Arqueologia, p. 58-63.

Alarcão, J. de (2017) — *A Lusitânia e a Galécia: Do séc. II a.C. ao séc. VI d.C.*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Alarcão, J.; Étienne, R. (1977) — *Fouilles de Conimbriga. I. L'architecture*. Paris: Diffusion E. de Boccard.

Almeida, D. F. (1962) — *Arte Visigótica em Portugal. O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série II. 4, p. 5-278.

Almeida, D. F. de (1969) — *Sobre a barragem romana de Olisipo e seu aqueduto. O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série III. 3, p. 179-190.

Almeida, D. F. (1973) — *As chamadas termas romanas da Rua da Prata. Monumentos e Edifícios Notáveis do distrito de Lisboa*. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa. 1, p. 79-80.

Almeida, I. M. de (2004) — *Caracterização geológica do Esteiro da Baixa. Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*. Lisboa: Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. 21, p. 152-157.

- Amaro, C. (1982) — Casa dos Bicos. Notícia histórico-arqueológica. *Arqueologia*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos. 6, p. 96-111.
- Amaro, C. (1995) — Urbanismo tardo-romano no Claustro da Sé de Lisboa. In Gurt, J. M.; Tena, N., eds. — *IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica/IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispànica (Lisboa, 1992)*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans/Universitat de Barcelona/Universidade Nova de Lisboa, p. 337-342.
- Amaro, C. (2002) — Percorso Arqueológico através da Casa dos Bicos. *De Olisipo a Lisboa. A Casa dos Bicos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p. 11-27.
- Amaro, C.; Manso, C. R.; Sepúlveda, E. (2013) — Complexo industrial romano de preparados de peixe da Baixa: sua abordagem a partir de dois novos equipamentos. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. — *Arqueologia em Portugal: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1863-2013)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 755-763.
- Andrade, F. M. ([1859] 1963) — Memória acerca dos banhos da Rua dos Fanqueiros em Lisboa (Termas Romanas). In Serpa, E., ed. — *Boletim da Sociedade Portuguesa de Espeleologia*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Espeleologia. 2.^a Série. 6. I-1. 2.^o Semestre, p. 39-62.
- Arce, J. (2005) — Spain and the African Provinces in the Late Antiquity. In Bowes, K.; Kulikowski, M., eds. — *Hispania in Late Antiquity: Current Perspectives*. Brill Academic: Leiden/Boston, p. 341-361.
- Arce, J. (2009) — *El último siglo de la España romana: 284-409*. Edición actualizada y aumentada. Madrid: Alianza Editorial.
- Arce, J. (2011) — Horrea y aprovisionamento en Hispania (SS. IV-V). In Arce, J.; Goffaux, B., eds. — *Horrea d'Hispaniae et de la Méditerranée Romaine*. Madrid: Casa de Velásquez. 125, p. 287-297.
- Arce, J. (2017) — *Bárbaros y romanos en Hispania (400-507 A.D.)*. 3.^a Edição. Madrid: Marcial Pons Historia.
- Arruda, A. M. (2002) — *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)* (Cuadernos de Arqueología Mediterránea; 5-6). Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.
- Arruda, A. M. (2017) — A Idade do Ferro Orientalizante no vale do Tejo: as duas margens de um mesmo rio. In Celestino Pérez, S.; Rodríguez González, E., eds. — *Territorios comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica. Mérida (Badajoz), 3-4 de Diciembre de 2015* (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LXXX). Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, p. 283-294.
- Azevedo, P. A. de (1899/1900) — Do Areeiro à Mouraria: topografia histórica de Lisboa. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série I. V, p. 212-224.
- Balanza, M.; Page, M.; Celdrán, J. (2015) — Las termas del Puerto de Carthago Nova: un complejo augusteo de larga perduración. In López Vilar, J., ed. — *Tarraco Biennal. 2^{on} Congrés Internacional d'Arqueologia i Món Antic: August i les províncies occidentals 2000 aniversari de la mort d'August. Tarragona, 26-29 de Novembre de 2014*. Tarragona: Fundació Privada Mútua Catalana. 2, p. 15-22.
- Barros, A. A. S. (2014) — Os canos na drenagem da rede de saneamento da cidade de Lisboa antes do terramoto de 1755. *Cadernos do Arquivo Municipal*. [Em linha]. 2.^a Série. 1, p. 65-85. [Consult. 16 Jan. 2020]. Disponível em WWW: (URL: <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fo-tos/editor2/Cadernos/num1/artigo04.pdf>).
- Bernal, D. (2005) — *Aquæ et Cetariæ* en Roma. Evidencias arqueológicas del suministro hídrico a las factorías salazoneras de la Bética. In López-Geta, J. A.; Rubio Campos, J. C.; Martín-Machuca, M., eds. — *VI Simposio del Agua en Andalucía (Sevilla, 2005)*. Madrid: Instituto Geológico y Minero de España. I, p. 1415-1432.
- Bernal, D.; Arévalo, A.; Díaz, J. J.; Lagóstena, J.; Vargas, J. M.; Lara, M.; Moreno, E.; Sáez, A. M.; Bustamante, M.; Expósito, J. A.; Muñoz, A. (2013) — Las Termas y el *Suburbium* Marítimo de Baelo Claudia. Avance de um recente descubrimiento. *Revista Onoba: revista de arqueología y antigüedad*. Huelva: Universidad de Huelva. 1, p. 115-152.
- Bernal, D.; Vargas, J. M. (2019) — El *Testaccio* haliéutico de Gades. In Bernal, D.; Vargas, J. M.; Lara, M., eds. — *7 metros de la historia de Cádiz... Arqueología en El Olivillo y en el Colegio Mayor Universitario*. Cádiz: Universidad de Cádiz, p. 237-327.
- Blot, M. L. B. H. P. (2003) — *Os portos na origem dos centros urbanos. Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal* (Trabalhos de Arqueologia; 28). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Bouet, A. (2000) — Les modèles thermaux et leur diffusion en Gaule. In Fernández Ochoa, C.; García Entero, V., eds. — *II Coloquio Internacional de Arqueología en Gijón: Termas romanas en el Occidente del Imperio. Gijón, 1999* (Serie Patrimonio; 5). Gijón: VTP Editorial, p. 35-46.
- Bouet, A.; Saragoza, F. (2007) — *AMCENTAS URBIUM* et Évergétisme de l'eau: la Fontaine monumentale des thermes de Cluny à Lutèce. *Revue Archéologique*. Paris: Presses Universitaires de France. 1: 43, p. 3-64.
- Brassous, L. (2011) — Les enceintes urbaines tardives de la Péninsule Ibérique. In Schatzmann R.; Martin-Kilcher S., dirs. — *L'Empire romain en mutation: Répercussions sur les villes romaines dans la deuxième moitié du 3^e siècle*. Montagnac: Éditions Mergoïl, p. 275-299.
- Bugalhão, J. (2001) — *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo: Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros* (Trabalhos de Arqueologia; 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

- Bugalhão, J.; Arruda, A. M.; Sousa, E.; Duarte, C. (2013) – Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 16, p. 243-275.
- Bugalhão, J.; Nunes, A.; Gomes, A. S.; Grilo, C.; Fernandes, L.; Fernandes, I.; Cachão, M.; Costa, A. M.; Freitas, M. da C.; Gabriel, S.; Currás, A. (no prelo) – Mosaico romano do NARC, Lisboa: estrutura construtiva, materiais e estratigrafia. *II Encontro de Arqueologia de Lisboa (22-24 de Março de 2018)*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- Bugalhão, J.; Teixeira, A. (2015) – Os canos da Baixa de Lisboa no século XVI: leitura arqueológica. *Cadernos do Arquivo Municipal*. [Em linha]. 2.^a Série. 4, p. 89-122. [Consult. 16 Jan. 2020]. Disponível em WWW: (URL: http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/4/4_art4.pdf).
- Bustamante Álvarez, M.; Heras Mora, F. J. (2013) – Producción anfórica en *Augusta Emerita* (Mérida, Badajoz) y los nuevos hallazgos del solar de la Escuela de Hostelería. In Bernal, D.; Juan, L. C.; Bustamante, M.; Díaz, J. J.; Sáez, A. M., eds. – *Hornos, talleres y focos de producción alfarera en Hispania* (Monografías Ex Officina Hispana; 1). Cádiz: Universidad de Cádiz, p. 331-345.
- Cabaço, N.; Sarrazola, A.; Silva, R. B. S.; Carvalho, L. M. de; Lourenço, M. (2017) – O espaço de necrópole romana das Portas de Santo Antão, Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *Arqueologia em Portugal: O estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1243-1254.
- Caessa, A.; Nozes, C.; Mota, N. (2018) – Uma mesquita no arrabalde Ocidental de *al-Usbuna*. In Andrade, A. A.; Tente, C.; Silva, G. M. da; Prata, S., eds. – *III Jornadas Internacionais de Idade Média: espaços e poderes na Europa Urbana Medieval. Castelo de Vide, 5 a 7 de Outubro de 2017* (Estudos; 18). Castelo de Vide: Câmara Municipal de Castelo de Vide/Instituto de Estudos Medievais, p. 521-535.
- Campos, J. A. C. de (1985) – A propósito das muralhas antigas de Lisboa. *Boletim de Trabalhos Históricos*. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. XXXVI, p. 1-82.
- Cardoso, J. L.; Guerra, A.; Fabião, C. (2011) – Alguns aspectos da mineração romana na Estremadura e Alto Alentejo. In Cardoso, J. L.; Almagro-Gorbea, M., eds. – *Lucius Cornelius Bocchus Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina* (*Archaeologia Hispanica*; 1/ *Bibliotheca Archaeologica Hispanica*; 37). Lisboa/Madrid: Academia Portuguesa da História/Real Academia de la Historia, p. 169-188.
- Carreras, C.; Morais, R., eds. (2010) – *The Western Roman Atlantic Façade: A Study of the Economy and Trade in the Mar Exterior from the Republic to the Principate* (BAR International Series; 2162). Oxford: Archeopress.
- Carvalhinhos, M.; Mota, N.; Miranda, P. (2017) – Indagações arqueológicas na muralha antiga de Lisboa: o lanço Oriental entre a Alcáçova do Castelo e o Miradouro de Santa Luzia (Santa Maria Maior, Lisboa). In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa. Uma cidade em escavação. Lisboa, 26-28 de Novembro de 2015*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, p. 298-337.
- Carvalho, P. C.; Matias, D. C.; Almeida, A. P. R.; Ribeiro, C. A.; Santos, F. P.; Silva, R. C. (2010) – Caminhando em redor do *forum* de *Aeminium* (Coimbra, Portugal). In Nogales Basarrate, T., ed. – *Ciudad y foro en Lusitania Romana/ Cidade e foro na Lusitânia Romana* (*Studia Lusitana*; 4). Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, p. 69-88.
- Carvalho, P. S. de; Cheney, A. (2007) – A muralha romana de Viseu. A descoberta arqueológica. In Rodríguez Colmenero, A.; Rodá Dellanza, I., eds. – *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, p. 729-745.
- Casimiro, S.; Silva, R. B. da (2013) – Enterramentos infantis tardo-antigos na Rua de São Nicolau. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *Arqueologia em Portugal: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1863-2013)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 859-863.
- Castelo-Branco, F. (1980) – *Breve história da Olisipografia* (Biblioteca Breve; 47). 2.^a Edição. Venda Nova-Amadora: Livraria Bertrand.
- Castilho, J. de ([1884] 1935) – *Lisboa Antiga: Bairros Orientais*. I. 2.^a Edição. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa.
- CIL II = Hubner (1869) e Hubner (1892).
- Croix, R. P. C. (1878) – *Découverte des themes romains de Poitiers*. Tours: Imprimerie Paulk Bouserez.
- Cunliffe, B. (2001) – *Facing the Ocean: The Atlantic and Its People. 8000 BC to AD 1500*. Oxford: Oxford University Press.
- Cunliffe, B. (2008) – *Europe between the Oceans: Themes and variations. 900 BC – AD 1000*. Yale/New Haven/ Londres: Yale University Press.
- Cunliffe, B. (2017) – *On the Ocean: The Mediterranean and the Atlantic from prehistory to AD 1500*. Oxford: Oxford University Press.
- De Man, A. (2011) – *Defesas urbanas tardias da Lusitânia* (*Studia Lusitana*; 6). Mérida: Museu Arqueológico de Arte Romana.
- Dias, M. I.; Prudêncio, M. I.; Gouveia, M. A.; Trindade, M. J.; Marques, R.; Franco, D.; Raposo, J.; Fabião, C.; Guerra, A. (2010) – Chemical tracers of Lusitanian amphorae kilns from the Tagus estuary (Portugal). *Journal of Archeological Science*. [Em linha]. 37: 4, p. 784-798. Disponível em WWW: (URL: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0305440309004178>).

- Dias, M. I.; Trindade, M. J.; Fabião, C.; Sabrosa, A.; Bugalhão, J.; Raposo, J.; Guerra, A.; Duarte, A. L.; Prudêncio, M. I. (2012) — Arqueometria e o estudo das ânforas lusitanas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa) e de centros produtores do Tejo. *Actas do IX Congresso Ibérico de Arqueometria (Lisboa, 2011). Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 19. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 57-70.
- Diogo, A. M. D. (1993) — O teatro romano de Lisboa. Notícia sobre as actuais escavações. *Cuadernos de Arquitectura Romana*. Murcia: Universidad de Murcia. 2, p. 217-224.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (1997) — Inscrição romana do Palácio dos Condes de Penafiel. *Ficheiro Epigráfico* (Suplemento de *Conímbriga*). Coimbra: Instituto de Arqueologia. 56, n.º 261.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (1999) — Ânforas e *sigillatas* tardias (claras, focenses e cipriotas) provenientes das escavações de 1966/67 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 2: 2, p. 83-95.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (2000) — Vestígios de uma unidade de transformação de pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3: 1, p. 181-204.
- Dupré, X.; Remolà, J. A. (2002) — A propósito de la gestión de los residuos urbanos en *Hispania*. *Romula*. Sevilla: Universidad Pablo de Olavide. 1, p. 39-56.
- Encarnação, J. (1973) — Criptopórtico romano no subsolo de Lisboa. *Jornal da Costa do Sol*. Cascais, 01-09-1073. 489, p. 4 e 6.
- Encarnação, J. D'; Leitão, M.; Leitão, V. (2015) — Inscrições de *Olisipo* identificadas na “Cerca Velha”. *Ficheiro Epigráfico* (Suplemento de *Conímbriga*). Coimbra: Instituto de Arqueologia. 131, Inscrições 548-551.
- Fabião, C. (1994) — O monumento romano da rua da Prata. In *Catálogo da Exposição Lisboa Subterrânea: Lisboa Capital Europeia da Cultura '94*. Lisboa/Milão: Electa/Museu Nacional de Arqueologia, p. 67-69.
- Fabião, C. (2004) — Centros Oleiros da Lusitânia: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In Bernal, D.; Lagóstena, L., eds. — *Figlinæ Bæticae. talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.)*. *Actas del Congreso Internacional, Cádiz, 2003* (BAR International Series; 1266). Oxford: Archeopress. 1, p. 379-410.
- Fabião, C. (2006) — *A herança romana em Portugal*. Lisboa: CTT Correios de Portugal.
- Fabião, C. (2009a) — Cetárias, ânforas e sal: a exploração de recursos marinhos na Lusitânia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 17, p. 555-594.
- Fabião, C. (2009b) — O Ocidente da Península Ibérica no Século VI: sobre um *Pentanummius* de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património* [Em linha]. Lisboa: Era Arqueologia. 4, p. 25-50. [Consult. 14 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: http://www.nia-era.org/publicacoes/cat_view/1-revista-apontamentos/13-apontamentos-4-2009).
- Fabião, C. (2010) — Modelos forenses nas cidades da *Lusitania*: balanço e perspectiva. In Nogales Bassarrate, T., ed. — *Cidade e Foro na Lusitania Romana (Studia Lusitana; 4)*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano, p. 343-359.
- Fabião, C. (2020) — O azeite da *Bætica* na *Lusitania*: reflexão sobre o actual estado dos conhecimentos a partir das marcas sobre ânforas Dressel 20 e 23. In Revilla Calvo, V.; Aguilera Martín, A.; Pons Pujol, L.; García Sánchez, M., eds. — *Ex Bætica Romam: Homenaje a José Remesal Rodríguez* (Col·lecció Homenatges; 58). Barcelona: Universidad de Barcelona, p. 701-736.
- Faria, A. M. (1995) — Plínio-o-Velho e o estatuto das cidades privilegiadas hispano-romanas localizadas no actual território português. *Vipasca*. Aljustrel: Câmara Municipal. 4, p. 89-99.
- Faria, A. M. (1999) — Colonização e municipalização nas províncias hispano-romanas: reanálise de alguns casos polémicos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 2: 2, p. 29-50.
- Faria, A. M. (2001) — *Pax Iulia, Felicitas Iulia, Liberalitas Iulia*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 4: 2, p. 351-362.
- Feijoo Martínez, S. (2006) — Las presas y el agua potable en época romana: dudas y certezas. In Moreno Gallo, I., coord. — *Nuevos Elementos de Ingeniería Romana. III Congreso de las Obras Públicas Romanas (Astorga, 2006)*. Salamanca: Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo, p. 145-166.
- Fernandes, L. (2018) — O teatro romano de Lisboa e a utilização da água como recurso decorativo de encenação de poder. In Fernandes, L., coord. — *Aqva sobre Água*. Exposição temporária. Museu de Lisboa – Teatro Romano. Lisboa: EGEAC/Museu de Lisboa – Teatro Romano, p. 24-39.
- Fernandes, L.; Fernandes, P. A. (2014) — Entre a Antiguidade Tardia e a Época Visigótica: novos dados sobre a decoração arquitetónica na cidade de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 17, p. 225-243.
- Fernandes, L.; Marques, A.; Filipe, V.; Calado, M. (2011) — A transformação de produtos piscícolas durante a Época Romana em *Olisipo*: núcleo da Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 14, p. 239-261.
- Fernández Ochoa, C. (1997) — *La muralla romana de Gijón (Asturias)*. Gijón: Electa.
- Fernández Ochoa, C.; Morillo Cerdán, A. (2002) — Entre el prestigio y la defensa: la problemática estratégico-defensiva de las murallas tardorromanas en Hispania. *Anejos de Gladius*. Madrid: Ediciones Polifemo/CSIC. 5, p. 577-589.

- Fernández Ochoa, C.; Morillo Cerdán, A. (2006) — Las puertas en las murallas urbanas en la Hispania tardorromana. In Shattner, T.; Valdéz, F., eds. — *Puertas de ciudades. Tipo arquitectónico y forma artística. Actas del coloquio en Toledo del 25 al 27 de Septiembre 2003*. Mainz/Rhein: Verlag Philipp von Zabern, p. 253-274.
- Fernández Ochoa, C.; Morillo, Á.; Salido Domínguez, J. (2011) — Ciudades amuralladas y *annona militaris* durante el Bajo Imperio en Hispania: una cuestión a debate. In Arce, J.; Goffaux, B., eds. — *Horrea d'Hispanie et de la Méditerranée romaine*. Madrid: Collection de la Casa de Velázquez, p. 265-285.
- Figueiredo, A. B. (1889) — As thermas romanas da Rua Bella da Rainha (vulgo Rua da Prata) em Lisboa. *Revista Archeologica*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias. III, p. 23-35.
- Figueiredo, C. (2014) — *Relatório de Projecto de Arqueologia Virtual para o Documentário Fundeadouro Romano em Olisipo: reconstituição de Olisipo e de um Navio Romano do tipo Corbita*. [Em linha]. [S.l.]. [Consult. 19 Nov. 2019]. Disponível em: WWW: (URL: http://www.academia.edu/16742787/Relat%C3%B3rio_de_projecto_de_Arqueologia_Virtual_para_o_document).
- Filipe, I. (2011) — *Casa do Governador da Torre de Belém: o caso de uma unidade de produção de preparados de peixe no âmbito da economia romana*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [Em linha]. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/6121>).
- Filipe, V. (2019) — *Olisipo, o grande porto romano da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado*. Dissertação de Doutoramento no ramo da História, especialidade Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [Em linha]. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/38619>).
- Filipe, V.; Calado, M. (2007) — Ocupação Romana no Beco do Marquês de Angeja, Alfama: evidências de estruturas termais junto da porta Nascente de Olisipo. *Al-Madan online. Adenda electrónica*. II Serie. 15, p. 55-64. [Em linha]. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW (URL: [http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20\(geral\).htm](http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20(geral).htm)).
- Filipe, V.; Leitão, M. (2014) — *Edifícios na Rua S. João da Praça e Mãe de Água do Chafariz d'el Rei – Alfama, Lisboa (empreitada nº 8/2002/GLACC). Relatório Final da Intervenção Arqueológica, Outubro de 2004 – Janeiro de 2005*. Arquivo Português de Arqueologia/Direcção-Geral do Património Cultural. Policopiado.
- Filipe, V.; Quaresma, J. C.; Leitão, M.; Almeida, R. R. (2016) — Produção, consumo e comércio de alimentos entre os séculos II e III d.C. em Olisipo: os contextos romanos da Casa dos Bicos, Lisboa (intervenção de 2010). In Járrega, R.; Berni, P., eds. — *Amphoræ ex Hispania: paisajes de producción y consumo. III Congreso Internacional de la Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua (SECAH) – Ex Officina Hispana (Tarragona, 10-13 de diciembre de 2014)* (Monografías Ex Officina Hispania; III). Tarragona: ICAC/SECAH, p. 423-455.
- Filipe, V.; Santos, R. (2017) — Um complexo termal romano na Rua da Adiça (Lisboa). In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, p. 247-253.
- Fusco, A.; Mañas Romero, I. (2006) — *Mármoles de Lusitania*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- Garcia, J. M. (1974-1975) — *Lisboa romana e visigótica (Separata de Olisipo – Boletim do Grupo “Amigos de Lisboa”, n.º 137-138)*. Lisboa: Grupo “Amigos de Lisboa”.
- Gaspar, A.; Gomes, A. (2007) — As Murallas de Olisipo: troço junto ao Tejo. In Rodríguez Colmenero, A.; Rodá Dellanza, I., eds. - *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, p. 685-698.
- Gaspar, A.; Gomes, A. (2017) — Os espaços públicos de época romana dos Armazéns Sommer. In *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos Históricos de Lisboa*. Catálogo de exposição. Lisboa: Museu de Lisboa, p. 104-105.
- González Fernández, E.; Carreño Gascón, M.ª C. (2007) — Las puertas romanas de la muralla de Lugo: los datos arqueológicos. In Rodríguez Colmenero, A.; Rodá Dellanza, I., eds. - *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, p. 257-280.
- Grilo, C. (2018) — As águas ocultas de Olisipo. In Fernandes, L., coord. — *Aqva sobre Água*. Exposição temporária. Museu de Lisboa – Teatro Romano. Lisboa: EGEAC/Museu de Lisboa – Teatro Romano, p. 6-23.
- Grilo, C.; Fabião, C.; Bugalhão, J. (2013) — Um contexto tardo-antigo do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC), Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. — *Arqueologia em Portugal: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1863-2013)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 849-857.
- Guerra, A. (2006) — Os mais recentes achados epigráficos do Castelo de São Jorge. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 9: 2, p. 271-297.

- Hauschild, T. (1990) — Das Roemische Theater von Lissabon. Planaufnahme 1985-1988. *Madrid: Mitteilungen*. Madrid: Philipp von Zabern. 31, p. 348-392.
- Hauschild, T. (1994a) — O teatro romano de Lisboa. In *Catálogo da Exposição Lisboa Subterrânea. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94*. Lisboa/Milão: Electa/Museu Nacional de Arqueologia, p. 64-66.
- Hauschild, T. (1994b) — Murallas de Hispania en el contexto de las fortificaciones del área occidental del Imperio Romano. In Dupré X., coord. — *La ciutat en el món romà/ La ciudad en el mundo romano. Actas del XIV Congreso Internacional de Arqueología Clásica. Tarragona, 5 al 11-9-1993*. Madrid: CSIC. 1, p. 223-232.
- Heras, F. J.; Bustamante, M.; Olmedo, A. B. (2011) — El vertedero del suburbio norte de *Augusta Emerita*. Reflexión sobre la dinámica topográfica en el solar de la calle Almendralejo n.º 41. In Remolà, J.-A.; Acero, J., eds. — *La gestión de los residuos urbanos en Hispania* (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LX). Mérida: CSIC, p. 345-360.
- Hourcade, D.; Doulan, C.; Laüt, L.; Rocque, G.; Sicard, S. (2011) — À l'ouest d'*Augustoritum*, du nouveau sur Cassinomagus (Chassenon, Charente). *Siècles: Cahiers du Centre d'histoire «espaces et cultures»*. [Em linha]. Université Blaise-Pascal de Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise-Pascal. 33-34, p. 1-16. [Consult. 2 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://siecles.revues.org/777>).
- Hubner, E., ed. (1869) — *Inscriptiones Hispaniae Latinae (Corpus Inscriptionum Latinarum; II)*. Berlim: Academiae Litterarum Regiae Borussiae.
- Hubner, E., ed. (1892) — *Inscriptiones Hispaniae Latinae: Supplementum (Corpus Inscriptionum Latinarum; II)*. Berlim: Academiae Litterarum Regiae Borussiae.
- Lancaster, L. (2008) — Roman engineering and construction. In Oleson, J. P., ed. — *The Oxford Handbook of Engineering and Technology in the Classical World*. Oxford: University Press, p. 256-284.
- Leitão, M. (2014) — Muralhas de Lisboa. *Revista Rossio. Estudos de Lisboa*. [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 3, p. 66-79. [Consult. 21 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/gabinete.estudos.olisiponenses/docs/rossio_3_issuo).
- Leitão, M.; Leitão, V. (2016) — *Pátio da Sr.ª de Murça — PSM 07 (Rua de S. João da Praça, 18). Relatório da intervenção arqueológica*. Arquivo Português de Arqueologia/ Direcção-Geral do Património Cultural. Policopiado.
- Lemos, F. S. (2007) — A muralha romana (Baixo Império) de *Bracara Augusta*. In Rodríguez Colmenero, A.; Rodá Dellanza, I., eds. — *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: Actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, p. 327-341.
- Le Roux, P. (2014) — *Os territórios romanos de Portugal no Alto Império/Les territoires romains du Portugal au Haut-Empire*. *Revista do Museu de Arqueologia da Universidade de São Paulo* (Suplemento; 19). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Macias Solé, J. M., ed. (2004) — *Les Termes Publiques de L'àrea Portuària de Tàrraco, Carrer de Saint Miquel de Tarragona* (Sèrie Documenta; 2). Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica.
- Maciel, J. (1993-1994) — A propósito das chamadas conservas de água da Rua da Prata. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra. 32-33, p. 145-156.
- Maia, M. (1973) — Actividades da APOM. *Associação Portuguesa de Museologia — Informações*. Lisboa: APOM. 3, p. 4-8.
- Mañás Romero, I. (2008) — Canteras de Lusitania. Un análisis arqueológico. In Nogales Basarrate, T.; Beltrán Fortes, J., eds. — *Marmora hispana: explotación y uso de los materiales pétreos en la Hispania Romana* (Hispania Antigua. Serie Arqueológica; 2). Roma: "L'Erma" di Bretschneider, p. 483-522.
- Mantas, V. G. (1976) — Notas acerca de três inscrições de *Olisipo*. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra. 15, p. 151-169.
- Mantas, V. G. S. (1990) — As cidades marítimas da Lusitânia. In *Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchies et territoires* (Collection de la Maison de Pays Ibériques; 42). Paris: CNRS, p. 149-205.
- Mantas, V. G. S. (1999) — *Olisipo* e o Tejo. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático «Lisboa Ribeirinha» (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997)*. Lisboa: Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, p. 15-41.
- Mantas, V. G. S. (2012) — A estrada romana de *Olisipo* a *Scallabis*. Traçado e vestígios. In *Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 1, p. 7-23. Disponível em WWW: (URL: <https://www.cm-vfxira.pt/pages/317>).
- Maraval, P. (1997) — *Le Christianisme de Constantin à la conquête arabe* (Nouvelle Clio: l'histoire et ses problèmes). Paris: PUF.
- Marques, J. A.; Sabrosa, V.; Santos, V. (1997) — Estrato romano da Avenida Ribeira das Naus (Lisboa). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 6, p. 166-167.
- Martins, F. J. R. (1909) — Lisboa subterrânea — as thermas romanas da Rua da Prata. *Ilustração Portuguesa. Jornal O Século*. Lisboa. 8, p. 481-488.
- Martins, P. V. (2014) — O Anfiteatro Romano de Lisboa: hipótese de localização através de uma leitura tipomorfológica do tecido urbano. *Revista Rossio. Estudos de Lisboa*. [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 4, p. 162-173. [Consult. 21 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/gabinete.estudos.olisiponenses/docs/rossio_4_issuo).

- Mascarenhas, J. M.; Bilou, F.; Neves, N. S. (2012) – O aqueduto romano de *Olisipo*: viabilidade ou utopia? Ensaio de traçado apoiado em modelação geográfica. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 43, p. 239-264.
- Miguez, J.; Sarrazola, A. (2017) – Rua de Santiago, Lisboa: tanques romanos na requalificação do edifício sito no n.º 10-14. In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, p. 70-83.
- Miró i Ailax, C. (2014) – Las Termas Marítimas de la Colonia Barcino. In Álvarez Martínez, J. M.; Nogales Basarrate, T.; Rodà de Llanza, I., eds. – *Actas del XVIII Congreso Internacional Arqueología Clásica: Centro y periferia en el mundo clásico*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano. I, p. 879-882.
- Moita, I. (1970) – O Teatro Romano de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 124-125, p. 3-33.
- Moita, I. (1977) – *As termas romanas da Rua da Prata em Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Moita, I., dir. (1990) – *D. João V e o abastecimento de água a Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Moita, I. (1990) – O aqueduto das Águas Livres e o abastecimento de água a Lisboa. In *Catálogo da Exposição D. João V e o abastecimento de água a Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 9-66.
- Moita, I. (1994) – O domínio romano. In Moita, I., coord. – *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte/Lisboa 94, p. 35-68.
- Moita, I.; Leite, A. C. (1986) – Recuperar *Olisipo* a partir de Lisboa: possibilidades e limitações. *I Encontro de Arqueologia Urbana. Setúbal, 1985* (Trabalhos de Arqueologia; 3). Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, p. 55-67.
- Morales Gil, A. (1992) – Orígenes de los regadíos españoles: estado actual de una vieja polémica. In Gil de Olcina, A.; Morales Gil, A., eds. – *Hitos históricos de los regadíos españoles* (Estudios; 68). Madrid: Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación, p. 15-47.
- Moreno Gallo, I. (2016) – Roman Water Supply Systems. New Approach. In Wiplinger, G., ed. – *De aqueductu atque aqua urbium Lyciae Pamphylicae Pisidiæ: The Legacy of Sextus Julius Frontinus* (BABesch Supplements; 27). Leuven: Peeters, p. 117-125.
- Morillo, A.; Fernández Ochoa, C.; Salido Domínguez, J. (2016) – *Hispania* and the Atlantic route in Roman times: new approaches to ports and trade. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 35: 3, p. 267-284.
- Mota, N.; Carvalhinhos, M.; Miranda, P. (2018) – A Cerca Velha de Lisboa da Antiguidade Tardia e Idade Média: novas leituras a partir das fontes arqueológicas. In Andrade, A. A.; Tente, C.; Silva, G. M. da; Prata, S., eds. – *Jornadas Internacionais de Idade Média: espaços e poderes na Europa Urbana Medieval. Castelo de Vide, 5 a 7 de Outubro de 2017* (Estudos; 18). Castelo de Vide: Câmara Municipal de Castelo de Vide/Instituto de Estudos Medievais, p. 495-520.
- Mota, N.; Grilo, C.; Almeida, R. R. de; Filipe, V. (2016/2017) – Apontamento crono-estratigráfico para a topografia histórica de *Olisipo*. A intervenção arqueológica na Rua de São Mamede (via pública – 19), Santa Maria Maior, Lisboa. *Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 5, p. 149-206. [Consult. 14 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/cmvmfx/docs/cira_5).
- Mota, N.; Martins, P. V. (2018) – Criptopórtico Romano de Lisboa: arqueologia e arquitetura de uma estrutura portuária (um esboço preliminar). In *Meios, vias e trajetos... entrar e sair de Lisboa* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa; 2). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/Sociedade de Geografia de Lisboa, p. 78-101.
- Mota, N.; Pimenta, J.; Silva, R. B. da (2014) – Acerca da ocupação romana republicana de *Olisipo*: os dados da intervenção na Rua do Recolhimento, n.ºs 68-70. In *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo. Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, p. 149-177. [Consult. 14 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <https://issuu.com/cmvmfx/docs/cira3online>).
- Muralha, J.; Costa, C.; Calado, M. (2002) – Intervenções Arqueológicas na Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. IIª Série. 11, p. 245-246.
- Muralha, J.; Leitão, M. (1998) – *Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados na Praça do Município*. Processo S-11381. Arquivo Português de Arqueologia/Direcção-Geral do Património Cultural. Policopiado.
- Neto, N.; Rebelo, P.; Ávila, R.; Gomes, A.; Alexandra, G. (no prelo) – As Muralhas de Lisboa: O exemplo dos Antigos Armazéns Sommer. In *II Encontro de Arqueologia de Lisboa*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa.
- Oliveira, C. M. B. M. B. (2008) – *Memória das águas de Alfama*. Dissertação de Mestrado em Estudos do Património. [Em linha]. Lisboa: Departamento de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Aberta. [Consult. 27 Jan. 2020]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10400.2/688>).
- Parreira, J.; Macedo, M. (2013) – O fundeadouro romano da Praça D. Luís I. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 747-754.
- Pimenta, J. (2007) – A importação de ânforas de preparados piscícolas em *Olisipo* (Séculos II-I a.C.). In Lágostena, L.; Bernal, D.; Arévalo, A., eds. – *Actas del Congreso Internacional Cetariæ. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad, Universidad de Cádiz, 7- 9 Noviembre de 2005* (BAR International Series; 1686). Oxford: Archeopress, p. 221-233.
- Pimenta, J. (2014) – Os contextos da conquista: *Olisipo* e *Decimo Jvniio Bruto*. In *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo. Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, p. 44-60 [Consult. 14 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <https://issuu.com/cmvmfx/docs/cira3online>).

- Pimenta, J.; Calado, M.; Leitão, M. (2005) — Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 8: 2, p. 313-334.
- Pimenta, J.; Gaspar, A.; Gomes, A.; Mota, N.; Miranda, P. (2014) — O estabelecimento romano republicano de *Olisipo*: estrutura e contextos do Beco do Forno do Castelo, Lote 40 (nº 16-20) — Lisboa. In *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo. Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, p. 122-148. [Consult. 18 Mar. 2016]. Disponível em WWW: (URL: <http://issuu.com/cmvmfx/docs/cira3online>).
- Pinheiro, H.; Santos, R.; Rebelo, P. (2017) — Contextos romanos identificados na Frente Ribeirinha de Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. — *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1293-1304.
- Quaresma, J. C. (no prelo) — Late contexts from *Olisipo* (Lisbon, Portugal): Escadinhas De São Crispim. In *Ceramics and Atlantic Connections: Late Roman and early medieval imported pottery on the Atlantic Seaboard*. New Castle. 26-27th March 2014.
- Quaresma, J. C.; Silva, R. B.; Bettencourt, J.; Fonseca, C.; Sarrazola, A.; Carvalho, R. (2017) — As ânforas romanas da nova seda da EDP (Lisboa). In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. — *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1305-1311.
- Quintela, A. de C.; Cardoso, J. L.; Mascarenhas, J. M. (1987) — *Aproveitamentos hidráulicos romanos a Sul do Tejo: contribuição para a sua inventariação e caracterização*. [s.l.]: Ministério do Plano e da Administração do Território.
- Ramalho, E. C.; Lourenço, M. C. (2006) — As águas de Alfama – memórias do passado da cidade de Lisboa. *Revista da Associação Portuguesa de Recursos Hídricos*. [Em linha]. 26, p. 101-112. [Consult. 27 Jan. 2020]. Disponível em WWW: (URL: <http://repositorio.lneg.pt/bitstream/10400.9/445/1/33608.pdf>).
- Pizzo, A. (2010) — *Las técnicas constructivas de la arquitectura pública de Augusta Emerita* (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LVI). Mérida: CSIC/ Instituto de Arqueología de Mérida.
- Prudêncio, M. I. (2005) — OREsT Project: late Roman pottery productions from the Lower Tejo. In Gurt i Esparraguera, J. M.; Buxeda i Garrigós, J.; Cau Ontiveros, M. A., eds. — *Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and Archaeometry* (BAR International Series; 1340). Oxford: Archaeopress, p. 37-54.
- Prudêncio, M. I.; Dias, M. I.; Raposo, J.; Gouveia, M. A.; Fabião, C.; Guerra, A.; Bugalhão, J.; Duarte, A. L.; Sabrosa, A. (2003) — Chemical Characterisation of Amphorae from the Tagus and Sado Estuaries Production Centres (Portugal). In Di Pierro, S.; Serneels, V.; Maggetti, M., eds. — *Ceramic in the Society. Fribourg (Proceedings of the EMAC'01)*. Fribourg: University of Fribourg.
- Ribeiro, J. C. (1994a) — Breve nota acerca do criptopórtico de *Olisipo* e da possível localização do fórum corporativo. In *Encontro de Arqueologia Urbana. Braga, 1994. Bracara Augusta: Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga*. Braga: Câmara Municipal de Braga. XLV: 96 — 110, p. 191-200.
- Ribeiro, J. C. (1994b) — *Felicitas Iulia Olisipo* — Algumas considerações em torno do Catálogo Lisboa Subterrânea. *Al-Madan. Especial Arqueologia na Região de Lisboa*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 3, p. 75-95.
- Ribeiro, J. C. (1994c) — Criptopórtico. In Santana, F.; Sucena, E., dirs. — *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados/Lisboa 94, p. 321-324.
- Ribeiro, J. C. (2019) — *Escrever Sobre a Margem do Oceanus: Epigrafia e Religio no Santuário do Sol Poente (Província Lusitania) (Sylloge Epigraphica Barcinonensis, Anexos; III)*. Barcelona/Galerada: Universidad de Barcelona.
- Ribeiro, O. (1986) — *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*. 4.ª Edição. Lisboa: Sá da Costa.
- Ribeiro, R. A.; Neto, N.; Rebelo, P. (2017) — Os pavimentos romanos dos antigos Armazéns Sommer (campanha de 2014-2015). In *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos Históricos de Lisboa*. Catálogo de exposição. Lisboa: Museu de Lisboa, p. 106-111.
- Ribeiro, R. A.; Neto, N.; Rebelo, P.; Rocha, M. (2017) — Dados preliminares de uma intervenção arqueológica nos antigos armazéns Sommer (2014-2015). Três mil anos de história da cidade de Lisboa. In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, p. 223-245.
- Ribeiro, R. A.; Neto, N.; Rebelo, P. (2019) — As mil e uma cidades de Lisboa nos antigos Armazéns Sommer. *Revista Rossio. Estudos de Lisboa*. [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 8, p. 156-169. [Consult. 24 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/rossio_estudos_de_lisboa_n8).
- Rocha, A.; Reprezas, J.; Miguez, J.; Inocêncio, J. (2013) — Edifício Sede do Banco de Portugal em Lisboa. Um primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. — *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1011-1018.
- Ruiz Bueno, M. D. (2018) — *Dinámicas topográficas urbanas en Hispania: El espacio intramuros entre los siglos II y VII d.C.*. Bari: Edipuglia.

- Rykwert, J. (2002) — *The idea of a town: The Anthropology of urban form in Rome, Italy and the Ancient World*. Princeton: Princeton University Press.
- Sabrosa, A. (2006) — O Complexo Mineiro de Vale de Gatos (Corroios Seixal). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 14, p. 53-59.
- Salvado, J. (1965) — Segredos que Lisboa guarda. *Diário de Notícias*. Lisboa. 06-07-1965. 35 683: 101, p. 2 e 15.
- Salvado, J. (1967) — Os romanos tomavam banho onde hoje é a Rua Augusta. *Flama. Diário de Notícias*. Lisboa: 24: 1012, p. 4-5.
- Salvado, S. (1994) — Lisboa. Evolução: período romano. In Santana, F.; Sucena, E., eds. — *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados/Lx94, p. 503-509.
- Sanchez, C.; Jézégou, M.-P., eds. (2016) — *Les ports dans l'espace méditerranéen antique. Narbonne et les systèmes portuaires fluvio-lagunaires* (Revue Archéologique de Narbonnaise; Supplément 44). Montpellier/Lattes: Éditions de l'Association de la Revue Archéologique de Narbonnaise.
- Sánchez-Palencia, J.; Currás, B. X. (2017) — Minería del oro y explotación del territorio en *Lusitania*: estado de la investigación. In Nogales, T., ed. — *Lusitania Romana: del pasado al presente de la investigación*. Actas IX Mesa Redonda Internacional de Lusitania (Museo Arqueológico Nacional, 29-30 septiembre 2016). Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, p. 393-415.
- Santos, A. B. (2015) — *A Terra Sigillata e a Cerâmica de Cozinha Africana do Edifício Sede do Banco de Portugal (Lisboa)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. [Em linha]. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/24534>).
- Sarrazola, A.; Simão, I. (2013) — *Relatório Final dos trabalhos arqueológicos na Rua da Madalena, 54-60 (Lisboa)*. ERA, Arqueologia. Processo S-34959. Arquivo Português de Arqueologia/Direcção-Geral do Património Cultural. Policopiado.
- S/ Autor (1937) — Os segredos do sub-solo de Lisboa. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 25 de Julho.
- Sepúlveda, E.; Amaro, C. (2007) — Casa dos Bicos 25 anos depois: marcas de oleiro em *terra sigillata*. *Al-Madan online. Adenda electrónica*. [Em linha]. II Série. 15, p. 45-53. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: [http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20\(geral\).htm](http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20(geral).htm)).
- Sepúlveda, E.; Gomes, N.; Silva, R. B. (2003) — Intervenção arqueológica urbana na Rua dos Douradores/Rua de S. Nicolau (Lisboa), 1: a *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 6: 2, p. 401-414.
- Sepúlveda, E.; Vale, A.; Sousa, V.; Santos, V.; Guerreiro, N. (2002) — A cronologia do circo de *Olisipo*: a *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 5: 2, p. 245-275.
- Sequeira, G. M. (1934a) — A excursão ao subsolo da Rua da Prata. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 24 de Agosto. 18 839, p. 1-2.
- Sequeira, G. M. (1934b) — Hoje às 10 horas inicia se a exploração das Conservas de Água da Rua da Prata. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 25 de Agosto. 18 840, p. 1 e 3.
- Sequeira, G. M. (1934c) — Os subterrâneos da Rua da Prata. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 26 de Agosto. 18 841, p. 1 e 7.
- Sequeira, G. M. (1934d) — O subsolo de Lisboa. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 27 de Agosto. 18 842, p. 1-2.
- Sequeira, G. M. (1934e) — Os segredos do subsolo lisboeta. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 28 de Agosto. 18843, p. 1.
- Sequeira, G. M. (1967) — *Depois do terramoto. Subsídios para a história dos bairros ocidentais de Lisboa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. IV, p. 304-308.
- Silva, A. V. (1922) — Um tubo de drenagem romano encontrado numa escavação em Lisboa. *O Arqueólogo Português*. 1.ª Série. 25, p. 180-183.
- Silva, A. V. da (1934) — As termas romanas da Rua da Prata em Lisboa. *Anaes das Bibliotecas Museus e Arquivo Histórico Municipais*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. IV: 13, p. 19-29 [reeditado em (1996) — *Dispersos de Augusto Vieira da Silva*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. II, p. 309-320].
- Silva, A. V. da (1944) — *Epigrafia de Olisipo: Subsídios para o estudo da Lisboa Romana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Silva, A. V. da (1987) — *A Cerca Moura de Lisboa*. 3.ª Edição. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.
- Silva, H.; Filipe, I. (2013) — *Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos. Escadinhas de São Crispim, 3-3A. Escavação Arqueológica*. Lisboa. Processo S-34675. Arquivo Português de Arqueologia/Direcção-Geral do Património Cultural. Policopiado.
- Silva, R. B. (1997) — As sepulturas da Calçada do Garcia e o urbanismo de *Olisipo*. *Actas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997)* (Monografias Arqueologia). Almada: Câmara Municipal de Almada, Divisão de Museus, p. 193-205.
- Silva, R. B. (1999) — Urbanismo de *Olisipo*: a zona ribeirinha. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático «Lisboa Ribeirinha» (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997)*. Lisboa: Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, p. 43-65.
- Silva, R. B. da (2002) — Sepulturas da Calçada do Garcia (Lisboa) e o urbanismo de *Olisipo*. In *Actas do 3º Encontro de Arqueologia Urbana. Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997*. Almada: Câmara Municipal de Almada, p. 193-205.

Silva, R. B. (2005) — *As “marcas de oleiro” em terra sigillata da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. — séc. II d.C.)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. [Em linha]. Braga: Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/1822/8130>).

Silva, R. B. (2011) — *Olisipo*. In Remolà, J.-A.; Acero, J., eds. — *La gestión de los residuos urbanos en Hispania* (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LX). Mérida: CSIC/ Instituto de Arqueología de Mérida, p. 203-212.

Silva, R. B. (2012) — *As “marcas de oleiro” na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa*. Dissertação de Doutoramento em História, especialidade Arqueologia. [Em linha]. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10362/9472>).

Silva, R. B. da (2014) — Intervenção arqueológica urbana de 1993 na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva/ Largo das Portas do Sol (Lisboa): as evidências do período romano. In *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo. Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, p. 178-199. [Consult. 18 Mar. 2016]. Disponível em WWW: (URL: <http://issuu.com/cmvmfx/docs/cira3online>).

Silva, R. B. (2018) — La “facies” cerámica de *Olisipo* (Lisboa) en el periodo julio-claudio: una primera aproximación a partir de contextos suburbanos seleccionados. In Ruiz Montes, P.; Peinado Espinosa, M.^a V.; Fernández García, M.^a I., eds. — *Estudios para la configuración de las facies cerámicas altoimperiales en el Sur de la Península Ibérica* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 11). Oxford: Archeopress, p. 3-31.

Silva, R. B.; De Man, A. (2015) — Palácio dos Condes de Penafiel: A significant Late Antique context from Lisbon. In Gonçalves, M.^a J.; Gómez-Martínez, S., coords. — *Actas do X Congresso Internacional “A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo”* (Silves – Mértola, 22 a 27 de outubro 2012). Silves: Câmara Municipal de Silves/ Campo Arqueológico de Mértola, p. 397-402.

Silva, R.; Santos, V. (2017) — As termas romanas às portas de Alfama. In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa. Uma cidade em escavação. Lisboa, 26 – 28 de Novembro de 2015*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 247-253.

Silva, R. B. da; Valongo, A. (2017) — A urbanística do Subúrbio Ocidental de *Felicitas Iulia Olisipo* (Lisboa): um contributo da I.A.U. da Rua do Ouro, nº 133-145. *Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 5, p. 116-148. Disponível em WWW: (URL: https://www.cm-vfxira.pt/cmvmfxira/uploads/document/file/1328/CIRA_5.pdf).

Vale, A.; Fernandes, L. (2017) — O Circo Romano de *Olisipo*: exemplos de revestimentos. In *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos Históricos de Lisboa*. Catálogo de exposição. Lisboa: Museu de Lisboa, p. 124-127.

Valongo, A.; Pimenta, J. (2017) — Os achados arqueológicos. In *31 Cordão Lisboa. Um edifício com história*. Lisboa: Eon – Indústrias Criativas, p. 75-117.

Viegas, J. C. G.; Gonzalez, A. G. B. (1994) — Aqueduto romano da Amadora. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 3, p. 29-35.

Viegas, J. C. G.; Gonzalez, A. G. B. (1996) — *O aqueduto romano da Amadora* (Relatórios; 2). Amadora: Gabinete de Arqueologia Urbana da Amadora.

Recursos electrónicos

Amphorae ex Hispania. Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica. Disponível em WWW: (URL: <http://amphorae.icac.cat/>)

Apontamentos de Arqueologia e Património. Lisboa: Núcleo de Investigação Arqueológica, Era Arqueologia. Disponível em WWW: (URL: http://www.nia-era.org/publicacoes/cat_view/1-revista-apontamentos/13-apontamentos-4-2009).

Cadernos do Arquivo Municipal de Lisboa. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em WWW: (URL: http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/4/4_art4.pdf).

Cahiers du Centre d'Histoire «Espaces et Cultures». Clermont-Ferrand: Université Blaise-Pascal. Disponível em WWW: (URL: <http://siecles.revues.org/777>).

Cira Arqueologia. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Disponível em WWW: (URL: <https://issuu.com/cmvmfx/docs/cira3online>).

Ramppa — Indústria Conserveira na Antiguidade. Cádiz: Universidad de Cádiz. Disponível em WWW: (URL: <http://ramppa.uca.es/>).

Rossio. Estudos de Lisboa. Lisboa: Gabinete de Estudos Olisiponenses, Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/gabinete.estudos.olisiponenses/docs/rossio_4_issuu).

Lista de Autores

ANA CAESSA

Centro de Arqueologia de Lisboa/
Câmara Municipal de Lisboa.
ana.caessa@cm-lisboa.pt

CARLOS FABIÃO

Uniarq: Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.
cfabiao@campus.ul.pt

JESÚS ACERO PÉREZ

Uniarq: Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.
Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
alconetar@hotmail.com

MANUELA LEITÃO

Departamento de Património Cultural/
Câmara Municipal de Lisboa.
manuela.m.leitao@cm-lisboa.pt

NUNO MOTA

Centro de Arqueologia de Lisboa/
Câmara Municipal de Lisboa.
nuno.miguel.mota@cm-lisboa.pt

NUNO NETO

Neoépica Lda.
neoepica@gmail.com

PAULO REBELO

Neoépica Lda.
neoepica@gmail.com

PEDRO VASCO MARTINS

FormaUrbis LAB/CIAUD - Centro
de Investigação em Urbanismo
e Design/Faculdade de Arquitetura
da Universidade de Lisboa.
pedro.v.martins@campus.ul.pt

RICARDO RIBEIRO

Neoépica Lda.
neoepica@gmail.com

VASCO LEITÃO

Centro de Arqueologia de Lisboa/
Câmara Municipal de Lisboa.
vasco.leitao@cm-lisboa.pt

VICTOR FILIPE

Uniarq: Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.
victor.filipe7@gmail.com

Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA
Catarina Vaz Pinto

DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA
Manuel Veiga

DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA
Jorge Ramos de Carvalho

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA
António Marques

COORDENAÇÃO GERAL
Jorge Ramos de Carvalho

GESTÃO DE PROJETO
Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML
António Marques – CAL/DPC/DMC/CML
Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML
Manuel Oleiro – EGEAC

PARCEIROS DO PROJETO
ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação
e Gestão de Património Lda.; Câmara Municipal
de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer;
Camara Municipal de Almada; Câmara
Municipal da Amadora; Câmara Municipal

de Arruda dos Vinhos; Câmara Municipal de
Cascais; Câmara Municipal de Loures; Câmara
Municipal de Mafra; Câmara Municipal de
Moita; Câmara Municipal de Oeiras; Câmara
Municipal de Palmela; Câmara Municipal de
Seixal; Câmara Municipal de Sesimbra; Câmara
Municipal de Sintra; Câmara Municipal de
Torres Vedras; Câmara Municipal de Vila
Franca de Xira; Centro de Arqueologia de
Almada; Direção-Geral do Património Cultural
(DGPC); DGPC/ Direção Regional de Cultura do
Norte; DGPC/ Museu Nacional de Arqueologia
(MNA); EGEAC – Cultura em Lisboa (Empresa de
Gestão de Equipamentos e Animação Cultural
E.M.); Empark Portugal – Empreendimentos e
Exploração de Parques, S.A.; Empatia
– Arqueologia Lda.; Eon – Indústrias Criativas
Lda.; Eurostar Museum Hotel (Lisboa); Era
– Arqueologia, Conservação e Gestão de
Património S.A.; Geopark/Naturtejo da Meseta
Meridional; Geopark/UNESCO/Organização
das Nações Unidas para a Educação, Ciência
e Cultura; Hotel Governador (Belém, Lisboa)/
Nau|Hotels & Resorts; Museu Arqueológico
do Carmo/ Associação dos Arqueólogos
Portugueses; Museu do Dinheiro/ Banco de
Portugal; Museu de Arqueologia e Etnografia
do Distrito de Setúbal (MAEDS); Núcleo
Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC)/
Fundação Millennium BCP; Neoépica –
Arqueologia e Património Lda.; Quinta de S.
Sebastião. Arruda dos Vinhos| Since 1755.; The
7 Hotel (Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade

de Serviços Financeiros e Investimentos Lda.;
Egas Moniz - Cooperativa de Ensino Superior/
Instituto Universitário Egas Moniz e Centro
de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz
(CIIEM); Universidade de Aveiro - Unidade de
Investigação em Governança, Competitividade
e Políticas Públicas; Universidade de
Coimbra/ Faculdade de Letras/ Centro de
Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do
Património (CEAACP); Universidade de Évora/
Laboratório Hércules; Universidade de Lisboa/
Faculdade de Arquitetura/ Forma Urbis LAB;
Universidade de Lisboa/ Faculdade de Ciências/
Departamento de Geologia; Universidade
de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro
de Arqueologia da Universidade de Lisboa
(UNIARQ); Universidade de Lisboa/ Faculdade
de Letras/ Centro de Estudos Clássicos da
Universidade de Lisboa (CEC); Universidade
de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Instituto
de História de Arte (ARTIS); Universidade
de Lisboa/ Instituto Superior de Ciências
Sociais e Políticas (ISCSP); Universidade Nova
de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas/Instituto de Estudos Medievais
(IEM); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade
de Ciências Sociais e Humanas /Centro em
Rede de Investigação em Antropologia (CRIA);
Universidade Nova de Lisboa/Faculdade de
Ciências Sociais e Humanas/Departamento
de História de Arte.

Livro

TÍTULO
Lisboa Romana | *Felicitas Iulia Olisipo*
A Morfologia Urbana

COORDENAÇÃO DO VOLUME
Carlos Fabião - UNIARQ: CENTRO
DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

INVESTIGAÇÃO E AUTORIA
Ana Caessa
Carlos Fabião
Jesús Acero Pérez
Manuela Leitão
Nuno Mota
Nuno Neto
Paulo Rebelo
Pedro Vasco Martins
Ricardo Ribeiro
Vasco Leitão
Victor Filipe

REVISÃO DO VOLUME
Carlos Fabião - UNIARQ: CENTRO
DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
Ana Sofia Antunes - CAL/DPC/DMC/CML
Inês Morais Viegas - DPC/DMC/CML

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO
Ana Sofia Antunes – CAL/DPC/DMC/CML
Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML
Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML

DESIGN GRÁFICO
José Ribeiro

ISBN
978-989-658-662-1

DATA DE EDIÇÃO
2020

DEPÓSITO LEGAL
463308/19

TIRAGEM
1.500 exemplares

EDIÇÃO
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

CALEIDOSCÓPIO - EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA
Telef.: (+351) 21 981 79 60
Fax: (+351) 21 981 79 55
caleidoscopio@caleidoscopio.pt
www.caleidoscopio.pt

ENDEREÇO DE EMAIL DO PROJETO
lisboaromana@cm-lisboa.pt

FACEBOOK:
<https://www.facebook.com/lisboaromanaLX/>

INSTAGRAM
<https://instagram.com/lisboaromana>

TWITTER
twitter.com/LisboaRomana